INFORMES CONTRADITÓRIOS

Sumário

Sumário 3
Stephen Grant Baines 5
Manoel Ribeiro de Vasconcellos 15
Egydio Schwade 27
Memélia Moreira 39
José Porfírio Fontenele de Carvalho 43
Raimundo Pereira da Silva 77
Pasquins Falaciosos 87

Stephen Grant Baines

Em junho de 1975, fui de carona de Manaus a Abonari, e no dia seguinte o comandante do 6° BEC me enviou de volta para Manaus junto com os soldados do 6° BEC, em ônibus fretados de Manaus, enquanto o 1° BIS entrou para realizar demonstrações de força.

Os soldados do 6° BEC me contaram que iriam ficar 3 semanas em Manaus enquanto o 1° BIS fez demonstrações de força ao longo da trajetória da estrada BR-174 que foi feita até 8 km ao Norte do rio Alalaú, e faltavam mais de 100 km para ligar com a estrada sendo construída de Caracaraí em RR.

O desmatamento da BR-174 já havia sido feito, e as obras foram suspensas com o ataque contra o Posto Indígena Abonari em dezembro de 1974 em que o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa foi morto.

Ao voltar a Manaus com soldados do 6° BEC, vi caminhões do 1° BIS vindos de Manaus com soldados do 1° BIS com artilharia pesada. Após as 3 semanas de demonstrações de força em junho de 1975, o 6° BEC voltou a Abonari para concluir a construção da BR-174. (BAINES, Stephen. Carta a Egydio Schwade – 04.09.2011. Cf. Comitê da Verdade do Amazonas) (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL)

Não existem quaisquer registros ou testemunhas desta suposta ida de Baines de Manaus ao Abonari, nem de seu alegado retorno no tal ônibus fretado, da Companhia SOLTUR ([1]). No testemunho do Cel Walter Chiarato, no dia 30.08.2022, às 15h03 (horário de Brasília) em audiência virtual, o mesmo relatou:

> O armamento de dotação era o armamento orgânico de um Pelotão de Fuzileiros, inclusive o armamento coletivo do Pelotão nós não o levávamos porque era inviável o deslocamento com ele dentro da selva, no caso, e não teria nenhuma finalidade, até você pegar uma metralhadora, no caso nosso a dotação do Pelotão de Fuzileiros de Selva era uma metralhadora e a metralhadora para fazer o tiro teria que colocar em posição teria que ter um local de defesa e se a gente se deslocava diariamente.
>
> Eles afirmam que nós deslocávamos diariamente para o local, não, nós já estávamos no local com o nosso armamento, mas o armamento de dotação do Pelotão de Fuzileiros e o armamento – individual, não levamos, não conduzimos o armamento coletivo que era a MAG ([2]), metralhadora automática a gás também de calibre 7.62, a mesma munição do fuzil, do FAL, eu no caso eu levava mais uma pistola e tinha uma metralhadora de mão também, então os sargentos levavam uma pistola e a metralhadora de mão e um fuzil e o soldado levava somente o fuzil automático o FAL, que era 7.62, com carregador com 20 cartuchos.

---

[1] A empresa SOLTUR – Solimões Transportes e Turismo Limitada, opera, desde 1971, nas redes intermunicipais, interestaduais e internacionais. (Hiram Reis)

[2] A metralhadora FN MAG ("Mitrailleuse d'Appui Général" – Metralhadora de Apoio Geral), calibre 7,62×51mm NATO, desenvolvida e originalmente fabricada pela empresa belga FN Herstal. (Hiram Reis)

O interessante é que o Ministério Público Federal, intencionalmentenão, não exponha a primera parte da referida carta onde fica patente a rivalidade entre Baines e Porfírio de Carvalho ([3]). Vejamos a 1ª parte da Carta de Stephen Grant Baines a Egydio Schwade, em 04.09.2011.

> Legal! Só que tem um erro. A primeira edição do livro de "*Papai Carvalho*" foi lançada, em 1982, nos últimos anos da ditadura militar. Estive no lançamento do livro e Carvalho se recusou a conversar comigo.
>
> Eu havia telefonado para Carvalho algumas vezes em 1980-81 solicitando uma entrevista com ele e pedindo para ver seu material documental, mas ele sempre me deu desculpas para não conversar comigo e não me mostrar nada. Ao contrário, quando Carvalho era assessor do Presidente da FUNAI em 1981, e eu pedi autorização para pesquisar os documentos na sede da FUNAI, Carvalho pediu para reservar todos os documentos para seu uso, para que eu não pudesse ter acesso aos documentos.
>
> Ele fez isso junto com Célio Hoerst, filho de criação do Presidente Ernesto Geisel. Em 1985, quando Ezequias Heringer [Xará] organizou um GT em que Egydio, eu, e Carvalho participamos, Carvalho só aparecia de vez em quando no GT.

---

[3] justicadetransicao.mpf.mp.br/documentos-1/AIND_5_Waimiri.pdf. (Hiram Reis)

Na Administração Regional da FUNAI em Manaus, a única vez que Carvalho dirigiu uma só palavra a mim, ele me ameaçou, dizendo que se ele voltasse a trabalhar com os Waimiri-Atroari eu nunca mais iria pisar na área, ameaça que Carvalho cumpriu, em 1989, quando no Programa Waimiri-Atroari [Eletronorte-FUNAI], por meio de uma campanha de mentiras e calúnias a respeito de mim para enganar os Waimiri-Atroari, através da utilização de matérias jornalísticas publicadas na campanha contra o CIMI no Estado de São Paulo de agosto de 1987, que a CPI em Brasília revelou, dois anos antes, que eram de comprovada falsidade, feitas por um estelionatário, Mouro Nogueira, procurado pela Polícia Federal no Pará e no Maranhão, que foi contratado por Octávio Lacombe, na época Presidente do Grupo Paranapanema.

Mesmo sabendo que estas matérias eram falsas, Carvalho as utilizou numa campanha montada junto com seus jagunços, Raimundo Nonato Correa, "*João das Letras*" e outros coordenadores do seu "*Programa*" [uma ONG com sede no escritório da própria Eletronorte em Brasília], que é testa-de-ferro da política da Eletronorte.

Os antropólogos de hoje fundamentam suas "*teses*" e "*laudos antropológicos*" em posicionamentos ideológicos carregados de posturas pré-concebidas e não em fatos e comprovações científicas.

O Dr. Stephen Grant Baines é apenas um exemplo destes famigerados antropólogos estrangeiros que são acolhidos pelas hostes entreguistas que vicejam neste país a soldo de interesses estrangeiros.

Vejamos um exemplo de como eles "*constroem*" suas teses e as mesmas são acolhidas pelas Comunidades científicas nacionais.

Na sua "*tese*", se é que assim pode ser chamada, "*O Território dos Waimiri-Atroari e o Indigenismo Empresarial*" o pseudo-antropólogo Dr. Baines, hoje Professor da UNB, Brasília, DF, que conheci, nos idos de 1983, afirma, forjando fatos a seu bel-prazer:

O Território dos Waimiri-Atroari e
o Indigenismo Empresarial (páginas 17 e 18)
UNB – Brasília, DF –1993
[Stephen Grant Baines]

> Um militar, Capitão do 6° BEC, que acompanhava o General Euclydes de Oliveira Figueiredo e representantes da Paranapanema em suas visitas a esta área indígena, organizou reuniões em Manaus em 1983, apoiando a proposta da Paranapanema de financiar a implantação de fazendas-modelo em troca de autorização para realizar pesquisa e lavra de mineração dentro da área indígena através de acordos diretos entre a empresa e os capitães "*Waimiri-Atroari*" como pagamento de royalties.
>
> Argumentava que tal proposta "*comprovaria*" que "*pode haver uma convivência harmônica entre empresas mineradoras de lavra mecanizada e índios*". Propôs, também, uma Portaria para permitir a pesquisa e lavra por empresas mineradoras privadas em áreas indígenas. (BAINES, 1993)

Minhas reportagens a respeito do tema, sob o título "*Resgates Históricos? Por quê?*", foram publicadas no jornal digital ClicNews em 08.08.**2011**, reproduzida no FAPESP, no Blog Póstumo do Giulio Sanmartini no dia 15.08.**2011** dentre outros, e sob cabeçalho "*Indígenas e o Direito de Mineração*" no jornal Gente de Opinião de 02.10.**2011** entre outros... Foi também repercutido no meu livro "*Desafiando o Rio-Mar – Descendo o Negro*" editado pela AMZ Editora, em 2015.

Desafiando o Rio-Mar – Descendo o Negro
Caxias do Sul, RS – 2015
[Hiram Reis e Silva]

[...] A inspeção, em julho de 1983, do Gen Euclydes de Oliveira Figueiredo, Comandante do Comando Militar da Amazônia (CMA), foi uma inspeção de rotina a uma Unidade Militar sob seu comando e só faziam parte da comitiva os militares do comando do CMA, 2° Grupamento de Engenharia de Construção e do 6° BEC.

A verdade é que o Ministro Extraordinário para Assuntos Fundiários General Danilo Venturini, em agosto de 1983, determinou ao Comandante do 6° BEC, Coronel de Engenharia Ornélio da Costa Machado, que realizasse estudos junto às Comunidades nativas para verificar da possibilidade de exploração de minérios em terras indígenas por empresas privadas.

> Depois de ouvir primeiramente as lideranças WA, suas reivindicações e aspirações (elas é que solicitaram a criação de 100 cabeças de gado em pequenas fazendas-modelo), iniciei, junto com meu convidado o pseudo-antropólogo Baines, uma série de reuniões, com a FUNAI e representantes da Paranapanema. (REIS E SILVA, 2015)

Qual não foi minha surpresa encontrar um documento mais atual do Baines em que ele usa as mesmas palavras de meus artigos e livro, alterando radicalmente o seu texto de 1993, sem ter qualquer prurido ao deixar de citar a autoria de sua fonte.

Mineração e Usinas Hidrelétricas em Territórios de Povos Indígenas e de Outras Populações Tradicionais na Região Amazônica: A Necessidade de Novas Críticas Epistêmicas

29ª Reunião Brasileira de Antropologia
Natal, RN – 03 a 06.08.2014

[Stephen Grant Baines]

> Em reuniões realizadas em Manaus, entre representantes (**?**) do 6° Batalhão de Engenharia de Construção [6° BEC] do Exército ([4]) representantes do Grupo Paranapanema e da FUNAI, organizadas por um capitão do ([5]), o mesmo afirmou que o

[4] Havia apenas um representante, eu, o Capitão de Engenharia Hiram Reis e Silva, responsável pela malograda presença do Baines na tal reunião. (Hiram Reis)

[5] Faltou 6° BEC no original. (Hiram Reis)

> Ministro Extraordinário para Assuntos Fundiários General Danilo Venturini, em agosto de 1983, determinou ao Comandante do 6° BEC, Coronel de Engenharia Ornélio da Costa Machado, que realizasse estudos junto às comunidades indígenas ([6]) para verificar da possibilidade de exploração de minérios em terras indígenas por empresas privadas ([7]). (BAINES, 2014)

Ao final, apresentei um relatório em que mostrava as pretensões das lideranças caso sua terra fosse objeto de exploração mineral, as colocações da FUNAI, do Baines e do Grupo Minerador Paranapanema.

Minha conclusão era de que a exploração era viável desde que respeitadas e ouvidas as Comunidades envolvidas, a FUNAI e que os nativos tivessem uma contrapartida da extração.

O resultado de meu Relatório foi concretizado poucos meses depois através do Decreto n° 88.985, de 10.11.1983 que, no seu Artigo 4°, especifica que:

> Art. 4° As autorizações de pesquisa e de concessões de lavra em terras indígenas, ou presumivelmente habitadas por silvícolas, serão outorgadas a empresas estatais integrantes da administração federal e somente serão concedidas quando se tratar de minerais estratégicos necessários à segurança e ao desenvolvimento nacional.

---

[6] Trocou "*nativas*" por "*indígenas*" do texto original por mim redigido. (Hiram Reis)

[7] Mais adiante o Baines falta com a verdade novamente. Ao omitir meu nome mesmo usando informações retiradas de artigos de minha lavra mostrando quão tendencioso é. Omite, intencionalmente, que a primeira reunião realizada foi com as lideranças Waimiri-Atroari. (Hiram Reis)

> § 1° Em casos excepcionais, considerado cada caso, pela Fundação Nacional do índio e pelo Departamento Nacional de Produção Mineral – DNPM, poderão ser concedidas autorizações de pesquisa e concessões de lavra a empresas privadas nacionais, habilitadas a funcionar como empresas de mineração. (DECRETO N° 88.985)

A Constituição de 1988 respaldou meu Relatório e o Decreto 88.985 reafirmando que:

> Art. 49 É da competência exclusiva do Congresso Nacional: XVI autorizar, em terras indígenas, a exploração e o aproveitamento de recursos hídricos e a pesquisa e lavra de riquezas minerais; Art.176 As jazidas, em lavra ou não, e demais recursos minerais e os potenciais de energia hidráulica constituem propriedade distinta 53 da do solo, para efeito de exploração ou aproveitamento, e pertencem à União, garantida ao concessionário a propriedade do produto da lavra.
>
> § 1° A pesquisa e a lavra de recursos minerais e o aproveitamento dos potenciais a que se refere o caput deste artigo somente poderão ser efetuados mediante autorização ou concessão da União, no interesse nacional, por brasileiros ou empresa brasileira de capital nacional, na forma da lei, que estabelecerá as condições específicas quando essas atividades se desenvolverem em faixa de fronteira ou Terras Indígenas.

Manoel Ribeiro de Vasconcellos

EXPOSIÇÃO

FEITA

AO

EXCELLENTISSIMO SENHOR PRESIDENTE

DA

Provincia do Amazonas,

O

DOUTOR JOÃO PEDRO DIAS VIEIRA,

PELO

1.º VICE PRESIDENTE

Doutor Manoel Gomes Corrêa de Miranda

POR OCCASIÃO DE PASSAR-LHE A ADMINISTRAÇÃO
MESMA PROVINCIA EM 28 DE JANEIRO DE 185

CIDADE DE MANÁOS - 18

TYPOGRAPHIA DE F. J. DA S. RAMOS.

RELATORIO

APRESENTADO Á ASSEMBLÉA LEGISLATIVA
ROVINCIAL,

PELO EXCELLENTISSIMO SENHOR.

DOUTOR JOÃO PEDRO DIAS VIEIRA,

DIGNISSIMO PRESIDENTE DESTA PROVINCIA.

NO DIA 8 DE JULHO DE 1856

POR OCCASIÃO DA PRIMEIRA SESSÃO ORDINARIA DA TERCEIRA
LEGISLATURA DA MESMA ASSEMBLÉA

BARRA DO RIO NEGRO—1856.

Os relatórios oficiais e a imprensa em geral, desde meados do século XIX, nos apresentam uma face terrivelmente sanguinária dos Waimiri que nas suas cruentas e covardes excursões atacavam indiscriminadamente homens, mulheres grávidas e mesmo crianças, mutilando-as e desmembrando-as e não raras vezes sequestrando as crianças para incorporá-las à sua tribo.

RELATÓRIO APRESENTADO À ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL PELO EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JOÃO PEDRO DIAS VIEIRA, DIGNÍSSIMO PRESIDENTE DESTA PROVÍNCIA NO DIA 8 DE JULHO DE 1856

Segurança Individual e de Propriedade ([8])

[...] Regressou do Jauaperí o Major Manoel Ribeiro de Vasconcellos, a quem em março último incumbi de fazer uma entrada na Maloca dos Índios Waimiris, observando, para isso as instruções constantes do doc. N° 5.

Como vereis do seu relatório, doc. N° 6, a diligência foi efetivamente até o lugar da Aldeia dos ditos índios; mas não pode infelizmente apreender um só deles, por terem-na pressentido ao avizinhar-se.

Em número de cento e tantos, os Uaimiris acudiram em defesa de seu lar, esperando em caminho a diligência e não recuaram aos primeiros tiros de pólvora seca, sendo mister que a diligência continuasse neste fogo até apossar-se da Maloca.

Ainda assim só passados dois dias foi que eles resolveram-se com suas mulheres e filhos a internarem-se pelos matos, tendo até então conservado em sítio a diligência. No primeiro recontro ([9]) foi ferido de uma flecha um dos soldados da diligência, mas sem perigo.

O referido Major Vasconcellos, na conformidade das minhas instruções, deixou no lugar denominado – Lages –, distante 4 horas de viagem da foz do

[8] Páginas 23 e 24. (Hiram Reis)
[9] Recontro: conflito. (Hiram Reis)

Igarapé Macucuahu, um destacamento de dez praças e um Inferior, a fim de proteger o Rio contra as depredações dos Uaimiris, que, como sabeis, são ferozes, e ainda em novembro passado assassinaram a duas pessoas, que pescavam no sobredito Rio.

Dispendeu-se com a diligência, além de algumas ferramentas, pouco menos de 4OO$OO rs.

Eis o que há em resumo, a cerca do estado de segurança individual e de propriedade na Província, e, se não é lisonjeiro, também não pode ser sem injustiça malsinado de mau e assustador; porque a maior parte dos assassinatos são ainda cometidos pelos índios bravios, oferecendo aliás ao criminoso a vastidão e outras circunstâncias especiais do território da Província inúmeros meios de, à seu talante, iludir a ação da autoridade. [...]

Instruções do Presidente da Província Dr. João Pedro Dias Vieira ao Sr. Major Ribeiro de Vasconcellos:

Documento N° 5 ([10])

Cumprindo evitar as depredações que quase anualmente praticam os gentios Uaimiris, amalocados nas cabeceiras do Rio Uatucurá, tributário do Jauaperí, os quais até hoje se têm mostrado inacessíveis a todo trato e comunicação com gente civilizada, tenho resolvido encarregar a Vossa Mercê de explorar as matas, onde os ditos gentios se acham e conduzi-los para fora delas.

Nesta comissão deverá Vossa Mercê observar as instruções seguintes:

[10] Páginas 46 a 47. (Hiram Reis)

1° Reunirá cinquenta praças da Guarda Nacional sob seu comando e os trabalhadores que forem misteres para a tripulação das canoas em que houver de fazer a viagem, e provendo-se de víveres e outros objetos indispensáveis, subirá pelo Rio Jauaperí e irá à maloca dos ditos gentios Waimiris. Procurará por todos os meios brandos e suasórios, a seu alcance, reduzi-los a acompanharem-no para a Freguesia de Moura ou Carvoeiro, onde os aldeará provisoriamente, dando logo parte a esta presidência, para resolver definitivamente acerca dos destinos deles e outras providências concernentes ao seu aldeamento.

Só em caso de absoluta e extrema necessidade usará Vossa Mercê da força contra as agressões dos mencionados gentios, ou de quaisquer outros que porventura o acometam, atirando-lhes primeiro com pólvora seca, porque muito se aterram ([11]) com o estampido do tiro, e então é de supor que baste isso para reduzi-los à sujeição e obediência.

2° No regresso, escolherá Vossa Mercê um local próximo da confluência do Rio, denominado Campina, e mandará construir as acomodações precisas para permanecerem destacados um Cabo e dez Praças, sob seu comando, a fim de proteger, no futuro, a navegação contra as excursões dos referidos gentios e de outros quaisquer, que porventura estejam amalocados, dos quais não se tenha notícia.

3° Fará Vossa Mercê explorar o dito Rio Campina, mandando subir por ele até dois ou três dias de viagem, em ordem a verificar-se a existência de campos de criar nas suas margens, ou em lugares não muito arredados delas. Os 300$000 que lhe mandei entregar na Administração da Fazenda serão por Vossa Mercê aplicados à compra de farinhas e de canoas, que necessárias forem para conduzir a Bandeira ao seu destino.

---

[11] Aterram: aterrorizam. (Hiram Reis)

Desta exploração apresentar-me-á Vossa Mercê um relatório minucioso, para o que tomará diariamente notas dos lugares onde passar, da distância destes da Foz do Jauaperí, da produção, da natureza de suas margens e de todos os acontecimentos que emergirem, dignos de serem mencionados. Deus guarde Vossa Mercê, Palácio do Governo da Província do Amazonas, 15 de março de 1856. João Pedro Dias Vieira ao Sr. Major Ribeiro de Vasconcellos.

Conferido pelo oficial maior – Souza.

Conforme. O Secretário interino, Gabriel Antonio Ribeiro Guimarães.

Documento N° 6 ([12])

Ilm° Exm° Sr. Tendo recebido as últimas ordens de V. Exª, embarquei no vapor "*Monarcha*", da Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas, empregado na navegação da 4ª linha, e Comandado por Antônio Joaquim de Oliveira Pinto, e a 15 de março deste ano saímos do Porto desta Cidade, e ancoramos no de Moura a 18, não se tendo dado na viagem sucesso algum extraordinário. No mesmo vapor seguia até Santa Isabel, e daí a seu destino, o Coronel João Henrique de Mattos, encarregado por V. Exª da direção das obras de fortificação, que se mandou construir na Serra do Cucuí. Logo que cheguei à Moura mandei avisar 50 Guardas Nacionais que me deveriam acompanhar, e comprei as farinhas e canoas que julguei necessárias para a diligência de que V. Exª houve por bem encarregar-me.

Tudo prestes ([13]), parti para o Rio Jauaperí no dia 29 de abril pelas 2 horas da manhã.

---

[12] Páginas 48 a 50. (Hiram Reis)
[13] Prestes: preparado, pronto. (Hiram Reis)

Até o dia 8 de Maio, 9° de viagem não houve incidente algum.

No dia 9 saltei com a tropa na margem meridional do Rio, deixando apenas algumas praças de guarda às canoas, fui em demanda das malocas dos gentios; o guia que levei, só ao segundo dia de caminho foi que deu com a trilha deles; por ela: caminhávamos no terceiro dia, 11, quando fomos descobertos por um aborígene que andava à caça, o qual; imediatamente voltou às malocas a dar aviso aos seus; seguimos no seu encalço, e antes de uma hora, que o fazíamos, fomos cercados por uns cem Uaimiris, que denodados ([14]) nos atacaram lançando sobre a tropa um chuveiro de flechas.

Mandei fazer-lhes fogo de pólvora seca, conforme as instruções de V. Exª, e avançando sempre ganhei as casas, onde me recolhi com as demais praças, e me conservei até o dia 13.

Os Índios haviam cercado os nossos quarteis, e só no dia 12 foi que se retiraram para o centro, para onde tinham mudado suas famílias antes que chegássemos às suas malocas, pois que aí não encontramos uma só pessoa.

No recontro ([15]) do dia 11, tivemos um Guarda flechado no peito esquerdo; mas, felizmente, resvalando a flecha não profundou a ferida, e se acha ao presente completamente restabelecido. As malocas consistiam em duas circulares casas, em pouca distância, com cerca de 50 palmos de diâmetro, cada uma; tendo duas portas em lados opostos, e mui estreitas; cobertas de palha de caraná, bem como cercadas da mesma palha, porém, posta por forma tal, que não deixava de

[14] Denodados: destemidos. (Hiram Reis)
[15] Recontro: combate. (Hiram Reis)

apresentar a resistência de uma parede qualquer. Dentro destas casas encontrei maqueiras ([16]) de meritî ([17]), arcos, flechas, machados de pedra, uns cendais ([18]) de que usam as mulheres tecidos primorosamente e feitos com coquilhos ([19]), e alguns pães de massa da mandioca, que curtidos no fumeiro ([20]), onde tomam uma forte consistência, conservam-se em estado de fazer-se uso em qualquer tempo, preservando-se assim a massa de arruinar-se.

De cada um destes objetos, menos das maqueiras, tenho a honra de apresentar a V. Exª algumas peças. Também apresento outras formadas para diversos usos, e construídas com pregos; pedaços de tachos de cobre, de facas que pela ventura os gentios puderam apanhar nas suas sortidas.

Estes índios, chamados Uaimiris, são bem feitos de corpo, de estatura pouco maior que a ordinária; cor de mamelucos; cabelos pretos, e um tanto crespos, imberbes, olhos pequenos e mui brilhantes; usam de tangas feitas de algodão como a dos africanos. Apresentaram-se corajosos, não se pondo na defensiva, mas atacando; seus movimentos são rápidos, e parecem dotados de muita discrição. Com estas qualidades ao menos, senão pelos princípios de humanidade, julgo estes homens, até agora abandonados à sua sorte, vivendo, na primitiva, bem dignos das atenções de um Governo que deseja levar o seu País à prosperidade, e fazer a ventura dos brasileiros.

---

[16] Maqueiras: redes de dormir. (Hiram Reis)
[17] Meritî: buriti. (Hiram Reis)
[18] Cendais: tecidos finos. (Hiram Reis)
[19] Coquilhos: cocos pequeninos. (Hiram Reis)
[20] Fumeiro: local onde se defuma carne ou outros alimentos. (Hiram Reis)

Bem verdade é que têm estes gentios, por vezes, cometido assassinatos, em alguns infelizes, que, imprevidentes, vão saltar nas terras de que se eles presumem verdadeiros proprietários, mas nem por isso devemos nós desprezá-los, antes procurar pelos meios a nosso alcance chamá-los à civilização, e aproveitar seus braços nos trabalhos agrícolas, para cujos, são as terras do Jauaperí, e seus afluentes as mais próprias.

No dia 13, retirei-me com a tropa, e tomando as canoas, fui, segundo as ordens de V. Exª, explorar o chamado Rio Campina, aonde cheguei a 15, e o. explorei nos dias 16 e 17. Não é mais que um riacho, que se perde no mato a dois dias de viagem; e que tem as suas margens paludosas e cobertas do arbusto de nome Araçarana ([21]). Não me parecendo o terreno contiguo à foz deste Riacho, o mais próprio para colocar o destacamento, desci, e em uma ponta da margem direita do Jauaperí, pouco acima do Rio Macucuahu, com grandes lajes no porto, mandei levantar o Quartel para o destacamento, o qual deixei pronto, faltando-lhe unicamente portas; e foi construído com esteios de Acari, e coberto de palha de Ubim. Se V. Exª servir-se de mandar as precisas ferragens, e alguma ferramenta indispensável, os mesmos guardas ali destacados poderão aprontar e sentar as portas necessárias.

Enquanto se construía o Quartel, subi três dias o Rio Macucuahu, reconheci ser assaz piscoso; as suas margens são de terras chamadas pretas, as melhores que se conhecem para toda a sorte de lavoura, e nelas se descobriu um muito extenso cacoal, muita itaúba, andiroba, e outras madeiras de construção e marcenaria.

---

[21] Araçarana (Eugenia patrisii Vahl): comida-de-jabuti. (Hiram Reis)

Concluído o Quartel, regressei em 11 do mês passado, deixando ali um destacamento de dez guardas e um Cabo. Ficaram armados, e municiados com 30 cartuchos embalados cada praça, e com seis alqueires de farinha, que podem equivaler a rações para 18 dias; e deixei-lhes para o serviço do destacamento, uma pequena igarité ([22]) e uma montaria ([23]).

Da conta, que junta tenho a honra de apresentar ficará V. Exª ciente em que foram empregados os 300$000 réis, que V.Exª mandou-me entregar para compra de farinha, e canoas, e rogo a V.Exª se queira servir de mandar arrecadar duas igarités, o armamento, e parte das ferramentas que serviram na expedição, e que restam.

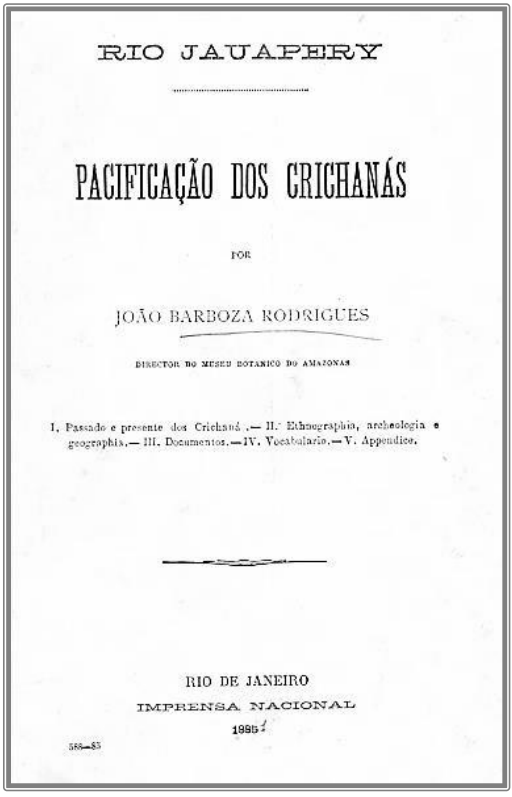
Concluindo este imperfeito trabalho, devo rogar a V. Exª, queira dignar-se de relevar as faltas que nele apareçam; bem como se não dei satisfatório cumprimento às ordens de V.Exª na comissão de que serviu-se encarregar-me, a que as circunstâncias que ocorreram dariam causa, mas não a falta de minha vontade e dedicação pelo serviço público.

Deus Guarde a V. Exª – Cidade da Barra do Rio Negro 10 de julho de 1856 – Ilm° Exm° Sr. Doutor João Pedro Dias Vieira, Presidente desta Província. – Manoel Ribeiro de Vasconcellos, Major.

Conferida. Pelo Oficial Maior – O Oficial Agostinho Rodrigues de Sousa.

Conforme. O Secretário interino, Gabriel Antonio Ribeiro Guimarães. (RELATÓRIO)

[22] Igarité: Canoa de um só tronco. (Hiram Reis)
[23] Montaria: canoa ligeira. (Hiram Reis)



RIO JAUAPERY

PACIFICAÇÃO DOS CRICHANÁS

POR

JOÃO BARBOZA RODRIGUES

DIRECTOR DO MUSEU BOTANICO DO AMAZONAS

I. Passado e presente dos Crichanás.— II. Ethnographia, archeologia e geographia.— III. Documentos.—IV. Vocabulario.—V. Appendice.

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1885

O relatório não cita, em nenhum momento, o número de indígenas mortos, até mesmo João Barboza Rodrigues, na sua obra "*Pacificação dos Crichanás*" editada pela Imprensa Nacional, no Rio de Janeiro, RJ, em 1885, alterando o relatório inicial na, cita na página 10 que:

> Encarregado pelo Presidente João Pedro Dias Vieira da catequese desses índios, reuniu Vasconcellos uma força composta de 50 guardas nacionais, todos bem municiados, e partiu para o Jauapery a 29 de abril de 1856. No nono dia de viagem, isto é, a 8 de maio, subindo o afluente Uatukurá, desembarcou com a força na margem Meridional e foi à procura das malocas.

> Depois de três dias de marcha, encontrou, a 11, um índio que, vendo força, fugiu e foi dar sinal de alarma à maloca.
>
> Vendo os índios que suas habitações iam ser invadidos, reuniram-se para a defesa e foram ao encontro dos invasores que, indo com fim pacífico, ostentavam uma considerável força armada.
>
> Deu-se o encontro. Os índios com razão disputavam suas terras e defendiam suas famílias. Os invasores queriam prezas, pelo que se ouviu a voz de fogo. Rebentou pela floresta o estampido da fuzilaria.
>
> As balas sibilavam cruzando-se com as flechas, no espaço. Os índios fugiram espavoridos, deixando no campo grande número de mortos. Os brancos tiveram um homem levemente ferido. (BARBOSA RODRIGUES)

Com o passar dos anos este grande número de mortos foi se avolumando sem qualquer tipo de embasamento chegando aos 300 apresentados por Porfírio e repercutidos pelo MPF:

> Major Vasconcelos, subindo o rio Jauaperí, entrou com seus guardas no Igarapé Uatupurá, onde foi encontrada uma grande aldeia de índios Waimiri e ali foi travado um combate entre as Praças e os índios, que colhidos de surpresa e pela desigualdade de armas fugiram apavorados, deixando nas proximidades da maloca um grande número de mortos. Os comandados do Major Vasconcellos, saquearam as casas dos índios, lançaram fogo em toda a maloca, chegando a morrer dentro várias crianças e velhos que não conseguiram fugir.

> Segundo relatórios da expedição, devem ter morrido mais de 300 índios entre adultos, crianças e velhos. (PORFÍRIO DE CARVALHO)

> Em 1856, a expedição do Major Vasconcelos provocou a morte de cerca de 300 indígenas Kinja e a destruição de aldeias para permitir o acesso de exploradores de castanha a áreas dos indígenas, dando início a uma série de conflitos na região. (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL)

Essa tendência de maximização numérica foi se avolumando acabando por aferrar-se no dimensionamento, nada científico, na contagem populacional dos WA.

Bibliografia

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL – **AÇÃO CIVIL PÚBLICA, COM PEDIDO DE LIMINAR** – Fernando Merloto Soave, 16.08.2017.

BARBOSA RODRIGUES, João. **Pacificação dos Crichanás** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Nacional, 1885.

PORFÍRIO DE CARVALHO. **Waimiri-Atroari A História que Ainda não foi Contada** – Brasil – Brasília, DF – Editado pelo autor, 1982.

RELATÓRIO. **Relatório apresentado á Assembleia Legislativa Provincial, pelo excelentíssimo senhor doutor João Pedro Dias Vieira, digníssimo presidente desta província, no dia 8 de julho de 1856 por ocasião da primeira sessão ordinária da terceira legislatura da mesma Assembleia. Barra do Rio Negro** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Typographia F. J. S. Ramalho, 1856.

Egydio Schwade

Raimundo Pereira da Silva - Um Farsante

As contradições em torno das declarações do ex-funcionário Raimundo Pereira da Silva, do 6° Batalhão de Engenharia de Construção, são enormes e só a tal da "*Comissão da '**In**'Verdade*" é capaz de qualificá-lo como testemunha idônea. Raimundo foi admitido no dia 03.05.1974 e pediu demissão em 30.05.1974.

MPF Ministério Público Federal | Procuradoria da República no Amazonas

ANEXO 2

Relatório da Comissão Nacional da Verdade

Raimundo Pereira da Silva, ex-mateiro da FUNAI que trabalhou na abertura da BR-174, testemunhou a atuação do Batalhão de Infantaria na Selva [BIS] e informa como o desaparecimento de muitos índios se relacionava diretamente com a atuação do batalhão:

> Eu fiquei impressionado porque, antes do Exército entrar, a gente viu muito índio, muito índio. E eles saíam no barraco da gente, muito, muito, muito [...]. Depois que o BIS entrou, nós não vimos mais índios [...]. Antes cansou de chegar 300, 400 índios no barraco da gente. ([24])

[24] SCHWADE, Egydio; SCHWADE, Tiago Maiká Müller (Orgs.). *Entrevista* com Raimundo Pereira da Silva sobre a construção da BR-174. 11.10.2012. (Hiram Reis)

ANEXO 3

Relatório do Comitê Estadual da Verdade do Amazonas

Estatística da FUNAI de 1972 refere que "*na periferia do posto de atração do Alalaú, à margem direita do Rio Alalaú, moravam 300 indígenas. Além das aldeias dos capitães Nenen, Juani, Elza e Comprido".*

Informação confirmada por Raimundo Pereira da Silva, que trabalhou como mateiro na abertura da picada da rodovia, no grupo que seguia no sentido de Roraima, entre 1972 e 1977 ([25]):

> **Raimundo Pereira da Silva** – Agora eu fiquei impressionado porque antes do Exército entrar, a gente via muito índio, muito índio.
>
> **Egydio Schwade** – é mesmo?
>
> **Raimundo Pereira da Silva** – É, eles saiam no barraco da gente, muito, muito, muito. Eu tinha um bocado de coroa de ouro, eu. Eles eram doidos pra

[25] Funcionário Raimundo Pereira da Silva que serviu no 6° BEC, na época da abertura da estrada:
CPF 027 876 012-00;
Identidade: 11298/RR;
Filiação: Florência Pereira da Silva;
Nascimento: 25.05.1951, Vitória, Maranhão;
Foi admitido em: 03.05.1974;
Demissão a pedido: 30.05.1974.
Trabalhou 27 dias apenas e não era mais funcionário do 6° BEC em 1975. (Hiram Reis)

me levar pra lá, eles falavam: "*maroca, maroca, maroca, vamo embora, maroca, maroca*". Eu dizia "*não, Manaus, Manaus, Manaus*". Eles: "*não, maroca, maroca*", pra me levar pra lá. Todos os dias esses vinham com aquela conversa.

Egydio Schwade – E quase todos os dias eles te encontravam?

Raimundo Pereira da Silva – Todo dia. [...]

Raimundo Pereira da Silva – Depois que o BIS [Batalhão de Infantaria na Selva] entrou, nós não vimos mais índios.

Egydio Schwade – Mas antes disso?

Raimundo Pereira da Silva – Antes cansou de chegar 300 – 400 índios no barraco da gente. É... Levavam tudo que a gente tinha. A gente tinha medo, sabe e esses índios aí não pediam, não tomava. Era troca, troca, troca. Davam uma flecha, qualquer coisa deles.

Na mesma entrevista, o trabalhador ainda revela que, em 1976 ([56]), quando já haviam realizado a travessia do rio Alalaú, o Exército encontrou um grupo de indígenas:

Raimundo Pereira da Silva – Eles acharam um grupo de índios, duns... uns 30 índios, o BIS. Aí trouxe pra cá, chegou, eles deram 600 tiros aberando os índios.

Egydio Schwade – Perto deles?

Raimundo Pereira da Silva – É, perto deles. Índio ficava com medo, medo. E eles empurravam eles na boca do pau, pra subir na caçamba. "*Sobe na caçamba!*", empurravam na boca do pau. Rapaz índio ficavam assim ó, se tremendo.

PEDIDO DE DEMISSÃO COM DISPENSA DE AVISO PRÉVIO

Ilmo. Sr.
CMT DO 6.º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO

Desejando, por minha livre e espontânea vontade, desligar-me do serviço desta empresa, venho apresentar a V. Sia., em caráter definitivo e irrevogável, o meu pedido de demissão do emprego que ocupo deste a data de

Sendo de meu interesse retirar-me do serviço sem demora, agradecería se V. Sia. me concedesse dispensa de quaisquer formalidades, especialmente do aviso prévio legal de que trata o Art 487 da Consolidação das Leis Trabalhistas.

Na espectativa de ser atendido, firmo-me

Boa Vista, RR, 30 de maio de 1974.-

Raimundo Pereira da Silva
(Assinatura do Empregado)
Raimundo Pereira da Silva.

De acordo Em 30 Mai 74.

Pelo 6.º B E Cnst
Carlos Rodolfo Bopp - 1º Ten
Cmt Cia Eq Eng.-

1ª via - Subcmt (SPC)
2ª via - Empregado

MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
CMA - 2ºSPT E
3º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO
(1ª Cia Exp E Cnst / 1967)
BATALHÃO SIMÓN BOLIVAR
AUTENTICAÇÃO
CONFERE COM A ORIGINAL
Boa Vista-RR, 15 / 02 / 22

PROVIDENCIADO
Em 15 / 06 / 1974

PUBLICADO
Em 17 / 06 / 1974
BOL ADM Nº 23 SPC

Pedido de Demissão de Raimundo P. da Silva

FICHA REGISTRO DE EMPREGADOS N. 1954

Firma: 6º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO - Atividade: Construção civ
End. Av. Cap. Ene Garces, s/n — Cidade Boa Vista Estado: Ter. Fed. de Roraima
Nome: RAIMUNDO PEREIRA DA SILVA
Salário: Cr$ 518,00 Forma de Pagamento Mensal
Carteira Profissional: Nº 98497 Est. Emissor: PA Série 1934
Certificado de Reservista Nº 320489 Cat 1a Série A
Carteira de Identidade: Nº 11.298 Estado Emissor: RR
Título Eleitoral Zona 21a Seção 27a Nº 9.616
CPF N.: 027876012 00 PASEP PIS
Carteira de Motorista Nº 3.394 Prontuário Nº 3.394 Orgão Emissor D.Trans
Carteira Sanitária Nº Orgão Emissor: Data Ultima Inspeção
Data de Admissão: 03/maio/74 Função: Motorista
Horário Normal de Trabalho: das 07:00 às 18:00 hs com intervalo de 02 hs, das 12:00 às 14:00 hs, para refeição e descanso.
Estado Civil: Casado Sexo Masculino Côr: Tipo Sanguíneo: A+
Filho de: Florencia Pereira da Silva e
Data do Nascimento: 25/05/51 Cidade: Vitória Estado: Maranhão
Tem algum Certificado Profissional?: de que natureza:
Sabe ler e escrever? Sim grau de instrução: 2ª série primaria
Residência atual: Rua General Penha Brasil 1316
Em caso de Acidente avisar: Olindina aguiar da costa
Endereço: Idem
Sindicato a que está filiado:

04	05	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23

QUANDO ESTRANGEIRO - a) Tem filhos brasileiros?
b) É casado com brasileira?
c) Data em que chegou ao Brasil:
d) Carteira de estrangeiro nº
Estado Emissor:
e) Naturalizado em:

MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
CMA 2º GPT E
2º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO
(1ª CIA EM E CNST 1987)
BATALHÃO DE SUPRIMENTOS
AUTENTICAÇÃO
CONFERE COM O ORIGINAL
Boa Vista, RR, 15/12/92

Declaro serem verdadeiras as informações acima prestadas, podendo ser usadas como expressão da verdade, quando exigidas por lei.

Boa Vista,RR 03 de Maio de 1974

Raimundo Pereira da Silva
ASSINATURA DO EMPREGADO

Data em que o empregado deixou o serviço desta firma: 30 / 05 / 74
Motivo: A Pedido
Tempo de Serviço: 27 dias

NOME DOS BENEFICIÁRIOS	Data do Nascimento	Grau de Parentesco

Ficha Registro de Raimundo Pereira da Silva

Raimundo Pereira da Silva

Egydio Schwade – Depois dos tiros?

Raimundo Pereira da Silva – Depois dos tiros. Aí botavam na caçamba e iam deixar lá na estrada. Agora lá nós não íamos, os civis não iam. Só o Exército. Nós não sabe se eles matavam eles lá ou soltavam. Civil nenhum sabe.

ANEXO 13

Relatório do Comitê Estadual da Verdade do Amazonas

MPF Ministério Público Federal | Procuradoria da República no Amazonas

INQUÉRITO CIVIL PÚBLICO
N° 1.13.000.001356/2012-07

Objeto: "*Apurar a responsabilidade do Estado brasileiro pelas violações dos direitos do povo indígena Waimiri-Atroari durante a construção da Rodovia BR-174*"

TERMO DE DEPOIMENTO
RAIMUNDO PEREIRA DA SILVA

No dia 02.06.2014, às 10h00, na Casa de Cultura Urubuí, [...] compareceu RAIMUNDO PEREIRA DA SILVA, [...] que prestou as seguintes declarações: [...]

Havia muitos índios. Apareciam mais de cem. Fui até o final da picada, passei pela área indígena inteira. Sempre encontrei com muitos índios. A maior parte dos índios estavam da área que vai do Abonarí até 20 quilômetros depois do Alalaú. Acho que havia uns 10 mil índios (**???**), em 28 malocas, pelo que o BEC falou.

Vi apenas duas malocas. Uma no km 25, depois do Alalaú, e a outra no km 28. O barracão ficava perto, uns cinquenta metros. Creio que havia de quinhentos a seiscentos índios em uma maloca (**???**). O André me disse uma vez que tinha seiscentos índios (**???**). Eles me convidavam para entrar na maloca. Comia anta, com o próprio couro. Eu me reunia com eles. [...]

Lembro bem da morte do Gilberto Figueiredo. Foi em 29.12.1975 ([26]). Estávamos no acampamento do 6° BEC no Abonarí. Estávamos nos aprontando para entrar na região do Alalaú. A estrada na região do Alalaú ainda não estava pronta.

No dia anterior, vi o Gilberto. Estava com os índios. O Capitão Bonilha mandou deixá-los no Abonarí. Nós acompanhamos o Gilberto até a canoa, ele estava com os índios, daí ele foi para o posto. Os índios dormiram no posto da FUNAI, que ficava a 6 km dali.

[26] Demissão a pedido: 30.05.1974. (Hiram Reis)

No dia seguinte, o Capitão Bonilha pegou o avião pra Manaus e viu, do alto, o Gilberto morto, daí voltou. ([27]) [...] Depois desse fato, voltamos ao acampamento no km 30. Ficamos lá uns 10, 15 dias. Um dia vi passando 43 carros do BIS, cheios de soldados [jipes, carros fechados, camuflados]. Eu lembro que eram 43, porque contei.

Passaram dois aviões do BIS ([28]). Antes não havia avião do Exército. O avião passou por lá seis dias. O Exército dizia que o BIS ia fazer uma manobra para conhecer a região, poder entrar para trabalhar. Os carros voltaram depois de seis dias. [...]

Depois da morte do Gilberto, os únicos índios que vi eram uns 20 que foram empurrados por soldados do BIS para o caminhão. Eles iam ser levados para o acampamento. Os índios tremiam. Ao chegarem ao acampamento, deram 600 tiros para assustar os índios. Os índios saíram correndo. Nunca mais vi índios. [...]

---

[27] Não foi assim. O então Tenente Tiaraju que se encontrava no Acampamento do Abonari, ao ser informado pelo único sobrevivente, de nome Ivan, comunicou-se imediatemente, via radiofonia, com a sede do Batalhão em Boa Vista que informou ao Cap Bonilha. (Hiram Reis)

[28] Os estudos culminaram na criação da Diretoria de Material de Aviação do Exército [DMAvEx] e do 1º Batalhão de Aviação do Exército [1º BAvEx], em 1986. Fisicamente, a Aviação passou a tomar forma com a instalação do 1° BAvEx na cidade de Taubaté-SP, em janeiro de 1988. [...] Outro marco da implantação foi a concorrência realizada, em 1987, que culminou com a aquisição de 16 Helicópteros HB 350 L1 - Esquilo [HA-1] e 36 SA - 365 K Pantera [HM-1] do Consórcio Aeroespatiale / Helibras e com a entrega, em abril de 1989, do primeiro helicóptero Esquilo ao 1º BAvEx. Após o recebimento das 52 aeronaves adquiridas e em face da reorganização da AvEx e da necessidade de mais helicópteros, por meio de um termo aditivo ao contrato com o consórcio Aeroespatiale / Helibras, foi comprado um lote de 20 AS 550 A2 FENNEC [versão da Anv HA-1]. (*https://cavex.eb.mil.br/institucional?layout=edit&id=97*)

Não vi carro ou caminhão levando índios mortos em grande quantidade. Só sei dos casos em que íamos resgatar, e nesses casos levávamos até o avião.

Waimiri-Atroari
A História que Ainda não foi Contada

José Porfírio Fontenelle de Carvalho
Brasília, 1982

[...] Nesse meio tempo Gilberto, mesmo oficialmente afastado da frente de Atração Waimiri-Atroari, permanecia em Manaus, aguardando seu substituto, sem que deixasse de manter contato diariamente com a frente de atração, através do único Posto que ainda permanecia ativado na área que era o Posto de Atração Waimiri-Atroari.

Na chefia daquele Posto permanecia o Indigenista Marinelio Machado, que vinha adiando as suas férias. desde julho de 1974, quando fez jus. Entretanto, em solidariedade a Gilberto, permanecia no trabalho, aguardando hora mais oportuna.

Como no final do ano, mês de dezembro, época das chuvas, quando os trabalhos nos Postos ficam quase paralisados, Marinelio saiu de férias deixando em seu lugar um companheiro, conhecido pelo apelido de "*Acaba Rancho*". Pessoa que tinha mais de três anos de experiência no trabalho de frente de atração e tinha o nome de Raimundo Pereira. [...] ([29])

[29] Certamente a informação usada, mais tarde, por Egydio Schwade foi inspirada no faccioso livro de Porfírio e ampliada de três para seis anos (1972 a 1977) sem qualquer confirmação documental que a ampare. (Hiram Reis)

As contradições numéricas quanto a estimativa populacional do Waimiri-Atroari são evidentes. Embora a FUNAI defenda que eram 3.000 segundo um alegado sobrevoo do Padre Calleri sobre a reserva, em 1968.

Nenhum recenseador sério consideraria esses números corretos. Realizei dois sobrevoos na região, em 1982, acompanhado do Padre Giuseppe Craveiro, na época, Coordenador do Núcleo de Apoio. Waimiri-Atroari, que me apontou algumas aldeias abandonadas e que lá de cima poderia se imaginar habitadas. Com a escassez de caça os WA migravam para outra Aldeia e às vezes retornavam aquela de origem. Não raras vezes a Aldeia tinha ser queimada em virtude da invasão de roedores e insetos ou mesmo em decorrência de surtos de sarampo ou gripe.

Nas minhas visitas às aldeias WA encontrei um senhor idoso conhecido como Capitão Tomáz, que se tornou muito meu amigo. Em uma das oportunidades, comentei a respeito das doenças que minavam a saúde de seu povo e de nossa intenção de vaciná-los já que o atendimento da FUNAI se resumia em evacuá-los para Manaus. Tomáz, muito meu amigo, emocionado me confidenciou que o costume do WA de adotar crianças capturadas durante os ataques e o contato furtivo com brancos que os assediavam, sem autorização da FUNAI, para presenteá-los com diversos artefatos e roupas usadas, tinha trazido uma terrível maldição para os WA. Muitos idosos e crianças morreram depois desses contatos. Sem saber os WA, e não as Forças Armadas, trouxeram para o âmago de suas Aldeias uma bomba bacteriológica implacável.

O Liberal, n° 22.237
Belém, PA – Quarta-Feira, 08.03.1989

A Ponta de um Iceberg no Trópico Úmido da Amazônia

[...] Como é público e notório nesta Casa, apoiei, defendi e subscrevi a emenda do nobre Senador Jarbas Passarinho, meu colega do PDS, que hoje se constitui no Capítulo VIII de nossa Carta Magna. Nem por isso posso deixar de lamentar o desrespeito com que se houveram alguns representantes presentes ao 1° Encontro dos Povos Indígenas do Xingu em Altamira com a Eletronorte, na pessoa de um dos seus diretores. A democracia pressupõe que todos têm direitos iguais e tanto é assim que o artigo 231, parágrafo 3° da nova Constituição, remete ao Congresso a decisão pelo aproveitamento de recursos hídricos, ouvidas as comunidades afetadas.

Portanto, o paradoxo da borduna em uma das mãos e de uma câmera Super VHS na outra, ainda não disponível nas melhores redes do País, que foram reveladas pelos noticiários das televisões brasileiras, não deve surpreender ninguém. Este verdadeiro "*imbróglio*" na cultura dos povos indígenas é o sinal mais cristalino de que, queiramos ou não, todo ser humano procura seu bem-estar, seu conforto e seu aprimoramento cultural. Quando recebeu da Eletronorte a indenização pela passagem do sistema de transmissão na reserva Mãe Maria, o cacique Krokenum veio a Brasília e contratou um arquiteto da UnB para projetar sua nova aldeia.

Toda de alvenaria, a única casa de dois andares é a do chefe Krokenum, desfrutando todos os seus habitantes da energia elétrica farta e confiável de Tucuruí.

Hoje, enceradeiras, rádios, geladeiras, televisores e toda a gama de eletrodomésticos disponível são encontrados em qualquer lar indígena da reserva Mãe Maria. E isso é pecado? Os 310 Waimiri-Atroari, que vivem à beira da BR-174, hoje estão afastados da mesma cerca de 50 km, têm sua reserva de 2.400.000 ha demarcados pela Eletronorte, convênio de 25 anos de integral assistência e navegam pelo Pitinga em barcos de alumínio com motor de popa de 35 HP.

E para demonstrar sua satisfação pela forma com que agora são tratados pela Eletronorte expulsaram de sua aldeia os Sr. e Sra. Emídio Schwade do CIMI, que por eles nada fizeram. [...]

Memélia Moreira

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Grupo de Trabalho Povos Indígenas e Regime Militar – 6ª Câmara de Coordenação

16 de agosto de 2017

[...] Soma-se a isso, no caso dos Waimiri-Atroari, o depoimento da jornalista Memélia Moreira, que esteve na área em 1978 e depois prestou depoimento ao Tribunal Russell, em 1980. Em depoimento à Comissão da Verdade do Estado de São Paulo, Memélia Moreira contou que, em viagem em 1978 à estrada, já inaugurada, um Sargento lhe contou que no momento mais crítico das obras os Kinja tentavam resistir fazendo uma barreira humana, de braços dados, diante dos tratores, e foram executados. Já o então sargento do 6° BEC José Hocke ([30]) disse a ela que os Waimiri-Atroari criavam muito caso, "*faziam uma barreira de gente na estrada, um de braço dado com o outro, para não deixar os tratores passarem*". Perguntado sobre como fazia para passar, o Sargento respondeu: "*a gente resolvia sempre à bala*". A jornalista visitou a região do Santo Antônio do Abonarí.

[30] O tal Sgt José Hocke jamais existiu, é um personagem ficcional criado pela mente ignara e obscurecida da jornalista LUZIA MARIA MOREIRA SCHER que usa o pseudônimo – Memélia Moreira. (Hiram Reis)

Lá encontrou certa devastação pelo alto, que não era de queimada, mas provocada por napalm, cujo tubo ela encontrou boiando na água.

> Não era uma devastação de queimada, que vem debaixo, e eu não sabia o que era aquilo, nunca tinha visto aquilo antes.
>
> Eu pensei, na minha ignorância, que talvez fosse um tipo de resultado da seca que dá, porque a região tem uma parte do ano que não chove.
>
> Então eu achei que era isso, não era. Porque quando a gente pegou um igapozinho para chegar até a aldeia, que aí o rio estreita, eu vi que tinha uma coisa não natural boiando, era assim, um...
>
> Não era bem um tubo, mas parecia, porque era metade, que era de napalm. E eu vi a marca, eu não sabia o que era napalm, eu conhecia a marca de um dos fabricantes de napalm, era Tordon (**???**).
>
> Eu vi que tinha Tordon, aí eu digo, espera aí, napalm... Aí eu digo, encosta mais naquilo ali, vai mais devagar, tira o motor, eu quero pegar aquele caco ali, era um caco.
>
> Peguei e botei na minha mochila e vim-me embora, não troquei uma palavra sobre o que eu achei, porque em 1974 a gente já sabia que eles tinham usado napalm no Vale do Ribeira, na Guerrilha do Araguaia, e nos Nhambiquaras. (Depoimento de Memélia Moreira à Comissão da Verdade do Estado de São Paulo, anexo 4)

(*justicadetransicao.mpf.mp.br/documentos-1/AIND_5_Waimiri.pdf)*

Tordon® XT

Registro no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA sob nº 6215

COMPOSIÇÃO:
4-amino-3,6-dichloropyridine-2-carboxylic acid
(**AMINOPIRALIDE, Sal Triisopropanolamina**) ..... **76,9 g/L (7,69% m/v)**
Equivalente ácido de Aminopiralide ..... **40,0 g/L (4,00% m/v)**
2,4-dichlorophenoxy acetic acid
(**2,4-D, Sal Triisopropanolamina**) ..... **596,9 g/L (59,69% m/v)**
Equivalente ácido de 2,4-D ..... **320,0 g/L (32,00% m/v)**
Outros Ingredientes ..... **495,2 g/L (49,52% m/v)**

GRUPO	O	HERBICIDA

CONTEÚDO: VIDE RÓTULO

CLASSE: Herbicida sistêmico de ação seletiva sendo o Aminopiralide pertencente ao grupo químico Ácido Piridinocarboxílico e o 2,4-D ao grupo químico Ácido Ariloxialcanoico.

TIPO DE FORMULAÇÃO: Concentrado Solúvel (SL).

TITULAR DO REGISTRO:
Dow Agrosciences Industrial Ltda.
Alameda Itapecuru, 506 – 2º andar, Bloco B, Parte-1 – Alphaville Centro Industrial e Empresarial / Alphaville
CEP: 06454-080 - Barueri/SP - CNPJ: 47.180.625/0001-46
Fone: 0800 772 2492 - Registro no Estado nº 650 - CDA/SP

FABRICANTE DO PRODUTO TÉCNICO:
AMINOPIRALIDE ÁCIDO TÉCNICO
Registrado no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA sob n° 07006
Dow AgroSciences LLC
701 Washington Street, Midland, Michigan 48640 - Estados Unidos da América
Lier Chemical Co., Ltd
Economic and Technical Development Zone, Mianyang, Sichuan, 621000 - China

2,4-D ÁCIDO SECO TÉCNICO
Registrado no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA sob nº 01638803
Atanor S.C.A.
Paula Albarracín de Sarmiento, s/n°, Rio Tercero, Pcia de Córdoba - Argentina

Atul Limited
Atul, 396020, Gujarat - Índia

Dow Agrosciences Southern África (PTY) Ltd
Old Mill Site, Canelands 4341, Durban 4000 - África do Sul

Polaquimia S.A
Km 144 Carretera Federal México, Veracruz, San Cosme Xaloztoc, Tlaxcala - México

Bula_TordonXT_AGROFIT_2019_10_14 Página **1** de **19**

(www.corteva.com.br/content/dam/dpagco/corteva/la/br/pt/products/files/Bula_Tordon_XT_200318.pdf)

José Porfírio Fontenele de Carvalho

(Chefe do Setor Administrativo da 1ª Delegacia Regional da FUNAI)

Waimiri-Atroari A História que Ainda não foi Contada

José Porfírio Fontenelle de Carvalho
Brasília, DF, 1982

Ofício ao General Gentil

Capítulo – A Estrada BR-174, Manaus-Caracaraí-Boa Vista

Páginas 73/75

Ficamos, eu e Gilberto, na área dos Waimiri-Atroari, até quando ali já não mais estava nenhum dos nossos companheiros. Conseguimos ainda resgatar com vida, os companheiros Adão Vasconcelos, Esmeraldo e Evaristo Miquiles que veio a falecer no Hospital Getúlio Vargas em Manaus.

Foram dias de angústia e sofrimento para nós, pois cada corpo de companheiro que encontrávamos reaviva a dor e a tristeza. Conseguimos encontrar todos os corpos e transladamos todos para Manaus, onde foram sepultados.

Quando retornamos a Manaus, oficiamos ao 2° Grupamento de Engenharia e Construção um pedido veemente para que mandasse suspender os trabalhos

de construção da estrada até que tivéssemos condições de retornar aos Postos de Atração e recompor o nosso pessoal.

Pessoalmente fomos entregar o ofício ao Comandante do 2° Grupamento de Engenharia de Construção, General Gentil. Na ocasião da entrega do documento, o General Comandante, nos fez ciente de que já mandara para as frentes de trabalho da estrada, brigadas (**?**) de soldados do Exército armados, prontos para "*defenderem a qualquer custo, a continuidade dos serviços de desmatamento e terraplanagem da estrada Manaus-Boa Vista*" ([31]). Aquela notícia, dada pelo General, deixou-nos perplexos e procuramos argumentar junto ao Comandante que naquele momento não era oportuna à continuidade do trabalho da estrada e muito menos prudente o envio ao local de tropas do Exército "*prontos para defenderem, a qualquer custo, a continuidade dos trabalhos*", como afirmara.

O General comandante, diante de outros oficiais presentes naquela reunião, respondendo às nossas ponderações afirmou:

> *A Estrada (BR-174) tem que ficar pronta, mesmo que para isto tenhamos que abrir fogo contra esses índios assassinos. Eles já nos desafiaram muito e estão atrapalhando nossos trabalhos. Temos um compromisso de entregar esta estrada pronta. E não vai ser um grupo de índios assassinos que vai impedir o prosseguimento da obra.*

---

[31] Mais uma sórdida falácia do controvertido Porfírio. O efetivo era de um Pelotão de Infantaria do 1° BIS para prover apenas segurança do pessoal do 6°BEC. (Hiram Reis)

As afirmações do General Comandante deixaram bem claras as intenções que a missão do grupo de soldados que teria sido deslocada com destino ao território dos índios Waimiri-Atroari. Diante de afirmações tão claras e já decididas não tínhamos mais nada a argumentar. Antes de sairmos da sala, o General Comandante, dirigindo-se ao Gilberto, perguntou:

Que é que você acha disso?

Gilberto com os olhos cheios de lágrimas, mal respondeu. Disse apenas:

General, na tentativa de fazer amizade com os índios Waimiri-Atroari, já morreram entre FUNAI e SPI, mais de 60 funcionários, procurando nunca tomar medidas repressivas contra aquele povo. Agora o que o Senhor está me dizendo que fez e vai fazer, torna o sacrifício dos que perderam suas próprias vidas em defesa daqueles índios em vão.

O General Comandante, apenas respondeu:

Tenho também uma missão a de construir a estrada Manaus-Caracaraí-Boa Vista e terei que cumpri-la. Mesmo que para isto tenha que enfrentar a bala os índios ([32]*).*

Diante dessas afirmações e sabedores que os soldados armados já se encontravam dentro da reserva

---

[32] Mais uma narrativa falsa construída por um militante da esquerda festiva. O Ten-Cel Lauro Augusto Andrade Pastor Almeida, participou desta reunião e afirmou, em fevereiro de 2019, em um evento na residência do Gen Édson Skora Rosty, que o Gen Bda Gentil Nogueira Paes disse apenas que a "*construção da estrada iria continuar*". (Hiram Reis)

Waimiri-Atroari, podia-se imaginar sem probabilidade de erro, sobre o que estaria acontecendo naquela região. Saímos da reunião, tristes olhando um para o outro, perguntando-nos: e agora? Tudo que foi feito na defesa dos índios teria sido inútil. Estávamos desolados.

Aquela reunião e a posição do General Comandante tinham esclarecido muitas coisas. E nos deixou pensando no que já poderia ter ocorrido dentro da reserva dos índios Waimiri-Atroari sem que soubéssemos e que possivelmente teria sido a causa da ira dos índios contra o nosso pessoal.

Retornamos ao escritório da Coordenação da Amazônia em Manaus, e lá, mais uma vez, eu e o Gilberto, continuamos a discutir o assunto e comentando o posicionamento do Comandante do 2° Grupamento.

E sempre nos perguntávamos o que fazer? Diante da posição do General, as possibilidades para continuarmos com as frentes de Atração não existiam.

Seria como trabalhar entre dois fogos inimigos. De um lado, os soldados do Exército prontos para o combate tão logo os índios procurassem impedir o andamento dos trabalhos da estrada. Do outro, os próprios índios que vendo nossos companheiros à frente dos soldados, procurariam atacá-los antes do confronto com as Forças Armadas. (PORFÍRIO DE CARVALHO)

Depoimento do Cel Inf Walter Chiarato, na época comandante de um Pelotão do 1° BIS à respeito das medidas de segurança preconizadas pelo escalão superior:

> Era para fazer a segurança na região do deslocamento da trilha e não se afastar dela não perseguir nem nada é fazer a defesa caso fosse atacado, mas não teve esse caso, era segurança ao longo da trilha, essa segurança se baseava, dependendo da visibilidade da selva, em torno de 50 metros mais ou menos, menos que isso, mais que isso dependendo da vegetação, então nós não saímos do lombo da trilha, vamos dizer assim, do traçado da trilha que seria em torno de 50 metros mais ou menos devido a visibilidade e a visibilidade com o pessoal que trabalhava também, era apenas segurança nada de ação de combate era a segurança do pessoal.

Depoimento do Cel Eng Zauri Tiaraju Ferreira de Castro, na época comandante de um Pelotão do 1° BIS à respeito das alterações na rotina dos trabalhadores do 6° BEC após a chegada do 1° BIS:

> As alterações foram muitas alterações que atrapalhavam e prejudicavam o serviço de construção da BR porque principalmente os funcionários civis, nós tínhamos cerca de 400 funcionários, principalmente os funcionários civis do 6°BEC deste tempo em diante, por algum tempo que lá permaneci, eles temiam se deslocar sozinhos, por exemplo, um mecânico

> que ia concertar uma máquina, um eletricista, um funcionário, um lubrificador, um operador de máquina isolada, o patroleiro do revestimento, esse pessoal não queria patrolar sozinho ele tinha medo – esses índios vão me matar, então era obrigado a ter em cada equipe dessas um ou dois soldados do 1°BIS armados acompanhando, houve um prejuízo muito grande na rotina e inclusive o serviço ficou paralisado por alguns meses.

Perguntado se em alguma oportunidade viu ou ouviu supostas rajadas de metralhadora ou a explosão de dinamite para afugentar os nativos, respondeu:

> Algum tiro houve, quando se desconfiava de algum movimento diferente, alguns tiros para o ar, mas nenhum tiro, por exemplo, pelo pessoal do 1°BIS, o pessoal do BIS tinha a munição mais ou menos contada e o cara que está no mato, vamos dizer assim, pronto para combater uma guerrilha, não vai querer gastar a munição dele à toa e depois arriscando a ser atacado e não ter mais munição e nós do Batalhão não tínhamos quase munição nenhuma, nós tínhamos um mosquefal velho e umas carabinas 7.65, se não me engano, ou 5.63, não me lembro mais o calibre, que aquilo era usado como uma bengala para algum deslocamento. Alguns funcionários do Batalhão que já tinham prestado serviço militar foram transformados, também, em vigilantes e seguranças das nossas equipes. Houve algum tiro sim Hiram, mas não maciçamente e não em direção à mata, algum tiro de advertência, de alerta eu sei que houve.

Celso Maia

Capítulo – Gilberto Pinto Figueiredo Costa

Páginas 87/89

Gilberto, por diversas vezes, também advertira o então comandante do 6° Batalhão de Engenharia de Construção, Cel Oliveira para o fato e este, que gratuitamente demonstrava não gostar de Gilberto, não levava em consideração as suas advertências e pedidos. O Cel Oliveira dizia-se conhecedor da região e da história e hábitos indígenas. Tinha métodos e opiniões próprias de como lidar com os índios.

Por isto talvez a sua indiferença aos pedidos e apelos de Gilberto, que por sua vez, não era um homem ligado aos estudos convencionais. Mas por sua vez, era possuidor de grande conhecimento da comunidade indígena Waimiri-Atroari.

Com muita humildade, Gilberto sempre procurava convencer não só o Cel Oliveira, Comandante do 6° Batalhão de Engenharia e Construção (6°BEC), como também o próprio Comandante do 2° Grupamento de Engenharia de Construção, de que era necessário evitar contatos dos trabalhadores e os índios, principalmente porque a maioria dos que trabalhavam na rodovia BR-174, eram pessoas despreparadas para tal e que esses contatos eram perigosos.

E que, caso nesse contato entre trabalhadores da estrada e índios gerasse qualquer incidente, os funcionários da FUNAI nos Postos Indígenas de Atração seriam os primeiros a serem sacrificados.

Mas esses argumentos, por serem de Gilberto, não eram aceitos nem considerados. Quando Gilberto teve conhecimento de que o indivíduo Celso Maia ([33]) e alguns companheiros, empregados do serviço de desmatamento da Rodovia Manaus-Boa Vista, estiveram em visita a uma das aldeias dos índios Waimiri-Atroari, procurou o Cel Oliveira, Comandante do 6° BEC e fez a reclamação, pois soubera também que os ditos indivíduos haviam levado consigo algumas revistas pornográficas, onde existiam figuras de pessoas praticando atos sexuais que teriam mostrado aos índios e que na ocasião tentaram persuadir a algumas índias a manterem relações sexuais com eles. Não tendo conseguido o intento, Celso Maia, teria ficado despido e dançado pateticamente para os índios verem, isto ao som de um toca-discos portátil, que levara consigo, na visita à aldeia. ([34]).

[...] Na nota oficial do Sr. Comandante do 2° Grupamento, de forma maldosa, foi procurando justificar as advertências que Gilberto fizera antes do ataque dos índios ao Posto de Atração Alalaú II com relação ao mateiro Celso Maia, como que Gilberto estivesse procurando afastar de seu caminho uma pessoa que gozasse de excessiva popularidade e amizade entre os índios e que por isto mesmo estaria atrapalhando o seu trabalho ou empanando a sua liderança.

---

[33] Transportador de Mercadorias (Caixeiro-Viajante) de uma das empreiteiras do desmatamento. (Hiram Reis)

[34] Apenas o Celso Maia frequentava as aldeias para oferecer presentes aos índios, mais ninguém. Certamente ele sabia que, se incorresse em um comportamento extremamente condenável como este, isto resultaria imediatamente na sua execução pelos WA. Só na lógica de Porfírio isto seria possível. Na narrativa atual dos WA os massacres de outubro, novembro e dezembro de 1974 teriam sido uma resposta aos supostos ataques promovidos pelo Exército. (Hiram Reis)

A Nota Oficial do Comando do 2° Grupamento traduziu, sem nenhum sofisma, o clima de animosidade existente entre aquele Comando e a visão que tinham com relação ao trabalho de Gilberto, a frente dos trabalhos junto à comunidade Waimiri-Atroari. Gilberto ficou muito magoado com os dizeres da Nota Oficial do 2° Grupamento. Mas mesmo assim, quando foi chamado a depor no Inquérito instaurado pela PF em Manaus, voltou a responsabilizar em primeiro plano o mateiro o Celso Maia e o 2° Grupamento, por não dar guarida às suas advertências quanto ao contato com a comunidade indígena WA.

Após o incidente, Gilberto continuou seu trabalho à frente da Atração dos índios WA, entretanto um pouco mais cauteloso e sabedor que não era bem visto pelo o Alto Comando do 2° Grupamento, muito até pelo contrário, como uma pessoa não grata àquela corporação. (PORFÍRIO DE CARVALHO)

Diário da Noite, n° 14.480 – São Paulo, SP
Terça-feira, 06.02.1973

Preso Nega Ser O Causador
Da Fúria Dos Índios "Waimiri"

O indivíduo Celso Maia, acusado de ter sido o causador da fúria dos índios "*Waimiri*" contra brancos na área da rodovia Manaus-Caracaraí, foi preso pela Polícia Federal em Manaus, atendendo à solicitação da FUNAI. Celso negou as acusações, dizendo-se amigo dos silvícolas, e atribuindo as causas do ataque "*Waimiri*" às atividades das próprias vítimas.

Celso, que é transportador de Mercadorias de uma das empreiteiras do desmatamento daquela área, foi posto em liberdade e responderá ao inquérito instaurado. Enquanto isso, o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa, que retornou sábado último ao posto de Santo Antônio do Abonarí, sobrevoou o posto incendiado de Alalaú, mas não pode aterrissar, em face das condições atmosféricas adversas. Não viu nenhum índio, nem sinal inquietante. [...] (DIÁRIO DA NOITE, N° 14.480)

Vejamos o conteúdo da Nota Oficial do Grupamento Depois da Publicação do Resultado do Inquérito Instaurado pela Polícia Federal

Jornal do Comércio, n° 21.205
Manaus, AM – Quinta-feira, 15.02.1973

Ministério do Exército
Comando Militar da Amazônia
2° Grupamento de Engenharia de Construção

Nota Oficial

O Comando do 2° Grupamento de Engenharia de Construção, a quem está delegada a implantação da BR-174 [MANAUS – BOA VISTA – FRONTEIRA DA VENEZUELA], em face das insistentes notícias que vem sendo publicadas em jornais desta capital e, mesmo, dos grandes centros do País, em que o Sr. Celso Moreira Maia é apresentado como responsável ou

culpado pelo trágico trucidamento de três funcionários da FUNAI por silvícolas, no posto daquela Fundação situado à margem do rio Alalaú, sente-se no dever de prestar ao público os indispensáveis esclarecimentos a fim de que conclusões precipitadas e acusações sem fundamento na verdade dos fatos não venham a estigmatizar um humilde patrício que, à sua maneira e com o seu trabalho, colaborou eficazmente na importante obra que estamos realizando.

Desde que se intensificaram os trabalhos de desmatamento na BR-174, com previsão de travessia da Reserva Indígena Waimiri-Atroari, este Comando manteve-se permanentemente informado do que estava acontecendo naquela frente de serviço, seja através do Comando do 6° BECnst, que dirige diretamente os trabalhos, seja através da Delegacia Regional da FUNAI, cuja missão era exercer, com o seu pessoal especializado, o controle dos grupos indígenas Waimiri-Atroari que habitam as proximidades do traçado da rodovia.

Durante todo o período em que as turmas de desmatamento permaneceram na área indígena, que se estendeu de Jul 72 a 4 Jan 73, quando foi atingido o rio Jauaperí e iniciada a retirada do pessoal por aquele rio, nenhum choque ou desentendimento foi registrado entre trabalhadores e índios Atroari, muito embora estes acorressem frequentemente aos acampamentos das turmas, via de regra em busca de presentes, particularmente artigos de alimentação.

A segurança das operações foi mantida, na travessia do território habitado pelos Atroari, pela observância de procedimentos previamente estudados e estabelecidos, ditados pela experiência e argúcia de

homens estudiosos da história e dos hábitos indígenas e, conhecedores da região, como o Ten Cel José de Almeida Oliveira, Cmt 6° BEC; o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa, da FUNAI e o empreiteiro André Moreira Nunes. Duas regras básicas foram seguidas: a presença permanente de grandes efetivos [cerca de 200 homens foram mantidos em serviço], que desencorajasse qualquer atitude agressiva por parte dos indígenas e a abundância de suprimentos, que neutralizasse a sua natural cobiça e rapacidade. Essas medidas revelaram-se plenamente eficazes e asseguraram a paz entre trabalhadores e silvícolas durante todo o tempo em que estiveram em contato.

Uma vez atingido o rio Alalaú pelas turmas de desmatamento, em Jul 72, o empreiteiro André Moreira Nunes contratou Celso Moreira Maia para efetuar o transporte de suprimentos, por via fluvial, até o acampamento estabelecido na margem Norte daquele rio e que serviria de apoio para o prosseguimento dos trabalhos. Desincumbindo-se dessa tarefa foi que Celso Maia manteve, em duas oportunidades apenas, manteve contatos casuais com grupos de Atroari, em companhia de seu auxiliar Pedro Leandro. Ambos os contatos, porque se verificaram no acampamento da turma de desmatamento, à margem do Alalaú, ou em suas proximidades, foram testemunhados por um número considerável de pessoas, que são unânimes em afirmar quanto às manifestações de alegria e consideração dos indígenas para com Celso Maia. Chamando-o, mesmo, repetidamente, de "*Papai Maia*". Há, pois, abundante e indubitável comprovação testemunhal da boa acolhida dada pelos indígenas a Celso Maia.

Já a versão que tem sido difundida, de que aquele cidadão teria praticado atos ofensivos aos costumes indígenas e por isso atraído seu ódio, carece totalmente de testemunhas oculares e peca pela inaceitabilidade da história fantástica de um homem que, quase sozinho, teve a inacreditável coragem e audácia de ofender os Atroari em suas próprias malocas, retirando-se, após, impune e ileso. Datam de 14/15 Ago e 17/20 Set os contatos de Celso Maia com os Atroari, comprovadamente amistosos. Após esta última data, não mais os encontrou, por motivos que adiante se verão.

Em Out 72, o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa, encarregado pela FUNAI de chefiar os trabalhos de controle dos Atroari durante a travessia da Reserva Indígena pelas turmas de desmatamento da BR-174, solicitou ao Cmdo 2° Gpt o afastamento de Celso Maia daquela área, sob a alegação de que suas relações com os indígenas estariam perturbando o trabalho da equipe da FUNAI.

Já sabedor da verdadeira natureza das relações de Celso Maia com os Atroari, através das informações procedentes da frente de serviço, este Comando considerou a solicitação do sertanista e atribuía a razões exclusivamente de ordem técnica, perfeitamente compreensíveis. Uma excessiva popularidade do transportador entre os Atroari, francamente caracterizada e comprovada, poderia enfraquecer ou comprometer a ação de liderança sobre os indígenas que, por imposição funcional, deveria ser mantida por Gilberto Pinto. Fiel, portanto, à politica de unidade de comando, fixação e definição de responsabilidades e confiando, como sempre confiou na ação profissional

especializada dos elementos da FUNAI e no acerto da orientação seguida por aquele órgão, o Cmdo do Gpt recomendou ao empreiteiro André Moreira Nunes que Celso Mala não mais entrasse em contato com os Atroari. O que foi acatado e compreendido por ambos, não tendo Celso Maia, em outras viagens que realizou, ultrapassado a confluência Jauaperí/Alalaú.

Não foi, pois, convém frisar, Celso Maia proibido de penetrar na Reserva Indígena por mau comportamento em relação aos indígenas, mas, simplesmente afastado, de comum acordo, a fim de manter-se o princípio de fixação de responsabilidades previamente estabelecido:

A CONSTRUÇÃO DA ESTRADA É MISSÃO DO EXÉRCITO, O CONTROLE DOS INDÍGENAS É MISSÃO DA FUNAI.

Realmente, no período que transcorreu após 20 Set 72, data do último contato de Celso Maia com os silvícolas, estes o procuraram várias vezes, não com o propósito vindicativo que está sendo atribuído a essas buscas senão com a esperança de obter novamente com ele as utilidades com que costumava brindá-los. Se houve qualquer impaciência ou inquietação entre os indígenas provocada pela pessoa de Celso Maia, isto se deveu à sua prolongada ausência, pois aguardavam a sua volta, vendo nele um homem capacitado a proporcionar-lhes coisas por eles apreciadas, jamais um elemento nocivo a ser eliminado. Assim sendo, com base em fatos comprovados e no bom-senso, estaríamos muito mais próximos da verdade se formulássemos a hipótese de os indígenas terem trucidado os desventurados funcionários da FUNAI por julgá-los responsáveis pelo desaparecimento de Celso

Maia ou por sua incapacidade de fazê-lo aparecer. E, neste caso, a "*culpa*" recairia sobre o dedicado Sertanista Gilberto Pinto, que propôs o seu afastamento da área e o Cmdo do 2° Gpt E Cnst, que concordou com a medida. E muitos outros "*culpados*" poder-se-ia encontrar, seguindo essa linha de raciocínio e fazendo variar as hipóteses ([35]).

Donde se conclui que o essencial da questão não é encontrar, obrigatoriamente, culpados. Isso não restituiria a vida àqueles heroicos funcionários que tombaram no seu posto e no cumprimento do seu dever, nem, traria mais satisfação e amparo às suas famílias. Criminalmente falando, os culpados são os Atroari, que os assassinaram, e mais ninguém. E estes são irresponsáveis perante nossas leis, dada a sua concepção de selvagens.

Buscar culpados ou responsáveis indiretos pela triste ocorrência seria uma tarefa quase irrealizável e sem qualquer objetivo prático, por isso que a todos os atos, erros ou omissões praticados anteriormente ao massacre, por quem quer que fosse, e que pudessem tê-lo provocado ou propiciado, faltaria a condição essencial para configurar a culpabilidade, qual seja o propósito deliberado de atingir aquele resultado.

Somos testemunhas das tremendas dificuldades enfrentadas pelos dedicados homens da FUNAI, no cumprimento da tarefa mais árdua, difícil e arriscada que se tem notícia neste País. Beneficiamo-nos permanentemente desse trabalho e consideramo-lo fator decisivo dos êxitos até agora alcançados na nossa missão, pelo que lhes somos infinitamente gratos.

---

[35] E agora Porfírio? (Hiram Reis)

Ao mesmo tempo em que nos irmanamos com eles, na sua dor pela perda daqueles três companheiros, contamos em que a inteligência, sensatez e dignidade de seus dirigentes saibam conduzir as indispensáveis investigações no sentido de apurarem-se quais os erros ou falhas de procedimento ou de segurança cometidos na montagem e operação do posto do Alalaú, visando, exclusivamente, evitá-los no futuro, poupando, assim, vidas tão preciosas para a consecução de seus nobres e grandiosos objetivos.

Estes são os esclarecimentos que o Cmdo 2° Gpt E Cnst sentiu-se no dever e na obrigação de prestar aos nossos patrícios, em nome do Bom Senso, da Justiça e da Verdade.

Manaus, AM, em 13 de fevereiro de 1973

Gen Bda OCTÁVIO FERREIRA QUEIROZ,

Cmt do 2° Gpt E Cnst
(JORNAL DO COMÉRCIO, N° 21.205

Waimiri-Atroari A História que Ainda não foi Contada

José Porfírio Fontenelle de Carvalho
Brasília, DF, 1982

Ataque ao Posto de Atração
Santo Antônio do Abonari

Capítulo – Gilberto Pinto Figueiredo Costa

Páginas 101/105

[...] Tão logo Gilberto chegou ao Posto de Atração Santo Antônio do Abonari, comunicou-se com a sede da FUNAI em Manaus, através de radiofonia, informando que a situação no Posto estava tranquila e que não existia motivo para preocupação. O substituto do Delegado da FUNAI em Manaus, cujo titular encontrava-se viajando para Brasília, manteve contato também com Gilberto através de radiofonia, perguntando sobre a situação. Gilberto repetiu tudo que já tinha dito, reafirmando que a situação era calma e que tudo estava correndo bem. Na ocasião o substituto do Delegado Regional da FUNAI em Manaus, transmitiu a Gilberto, uma pergunta que um determinado Major do 2° Grupamento teria mandado fazer e que na hora parecia um pouco absurda. Pois o referido Major mandara perguntar a Gilberto e queria a resposta, que fosse informado o que é que os índios estavam querendo no Posto. Gilberto ao ouvir a pergunta formulada e transmitida pela radiofonia ficou irritado, pois não cabia a pergunta.

Os índios, segundo o próprio Gilberto afirmara na ocasião, andam por onde querem e não devem explicar as suas visitas. Sabia-se, entretanto, que desde o ataque dos índios ao Posto Alalaú II, em 02.10.1974, que o sistema de radiofonia, da FUNAI, estava sob censura. Isto foi comprovado, quando um certo dia, um dos Postos Indígenas, estava chamando o rádio da FUNAI em Manaus e não conseguiu resposta. Na ocasião recebemos um telefonema do Serviço Rádio do Exército, avisando do chamado do Posto, que não estávamos ouvindo. Este fato comprovou que o sistema de radiofonia da FUNAI, em Manaus, estava sob escuta permanente e sob censura. E, logicamente, todas as transmissões de mensagens entre os Postos indígenas e a sede da FUNAI eram captadas pelo sistema de escuta.

No sábado à tarde, dia 28.12.1974, Gilberto informou através de radiofonia, que tudo estava bem no Posto e que os índios que lá se encontravam em visita, estavam preparando-se para irem embora na manhã do dia seguinte. Os brindes já tinham sido trocados e estavam satisfeitos com os negócios. Tudo estava correndo na mais perfeita ordem. Gilberto era uma pessoa que possuía muita experiência no trato com os índios e, por isto mesmo, em nenhuma hora ficava desatento ao comportamento deles. Principalmente porque esses mesmos índios já haviam atacado vários Postos da FUNAI. Gilberto usava inclusive um sistema de segurança quando no Posto em que ele se encontrava era visitado por grupos indígenas, mesmo naquele caso, em que os índios estavam acompanhados de suas mulheres e crianças. Gilberto sempre no final da tarde quando a noite se aproximava, determinava que um dos companheiros de

trabalho, atravessasse o rio, ou procurasse amarrar sua rede em local pouco distante da área do Posto, para que de lá pudesse ver toda a área do Posto e detectar, em melhores condições, quaisquer anormalidades que por acaso viessem a ocorrer nas proximidades da casa-sede ([36]). Isto era justificado por Gilberto que dizia que as pessoas que estão dentro da casa sempre têm a visão restrita e uma pessoa que está de longe e fora de casa, tem condição de observar qualquer movimento anormal por acaso praticado pelos índios visitantes. Pelo depoimento que me prestou o índio Ivã ([37]) ele, naquela tarde, teria sido o escolhido para ser o "*observador*", tendo ele amarrado a sua rede em uma árvore no outro lado do rio Santo Antônio do Abonari, na frente da sede do Posto. No último contato via radiofonia com a sede da FUNAI, em Manaus, naquela tarde de sábado, dia 28.12.1974, por estar tudo normal, no Posto, Gilberto dispensou o plantão que normalmente o serviço de rádio da FUNAI em Manaus fazia aos domingos, quando os Postos de Atração estavam recebendo visitas, como era o caso do Posto de Atração Santo Antônio do Abonari.

No domingo, dia 29.12.1974, por volta do meio dia o corpo de Gilberto Pinto Figueiredo Costa encontrava-se no necrotério do Hospital Getúlio Vargas, em Manaus, que teria sido trazido por oficiais do exército, que se encontravam no acampamento do 6°BEC, localizado no Km 220, nas proximidades do Igarapé Santo Antônio do Abonari. A versão oficial informava que Gilberto e seus companheiros que se encontravam no Posto de Atração Santo Antônio do

---

[36] Isto não aconteceu nesta oportunidade, conforme declara o único sobrevivente do massacre – Ivan Lima Ferreira. (Hiram Reis)

[37] Ivan Lima Ferreira. (Hiram Reis)

Abonari, tinham sido vítimas de ataque dos índios Waimiri-Atroari, os mesmo que se encontravam em visita ao Posto, desde o dia 26 de dezembro e que segundo Gilberto naquele dia 29 de dezembro estavam retornando às suas malocas. A notícia do ataque dos índios Waimiri-Atroari ao Posto de Atração Santo Antônio do Abonari teria sido dada ao pessoal do acampamento da 1ª CiaECnst, do 6°BECnst, no KM 220 da BR-174, pelo índio aculturado Sateré-Maué, de nome Ivã, que trabalhava na Frente de Atração e que na ocasião teria conseguido fugir correndo pela selva.

Segundo informações oficiais, após a notícia dada por Ivã sobre o que ocorrera no Posto de Atração Santo Antônio do Abonari, alguns oficiais e soldados do exército que se encontravam naquele domingo no acampamento do 6°BEC, no KM 220 da BR-174, seguiram imediatamente para o local a bordo de 2 canoas movidas a motor de popa.

Mais uma vez Porfírio fabrica uma narrativa sem qualquer embasamento. Na sua oitiva o Cel Eng Zauri Tiaraju Ferreira de Castro, responsável pelo resgate do corpo de Gilberto Pinto e dois dos funcionários massacrados afirma:

> [...] Foi contatado, pelo Posto da FUNAI, o Gilberto Pinto em Manaus, eu não me lembro se ele veio no outro dia de manhã de avião, me parece que sim, e foi combinada a vinda do Capitão, Bonilha que era Chefe da Seção Técnica em Boa Vista, também veio para o acampamento, porque foi um fato inusitado – os índios apareceram no acampamento do Exército –, foi um comentário muito grande, uma rebordosa e combinaram

que no outro dia nós faríamos uma visita à estrada acompanhados pelo Gilberto Pinto e pelo Capitão Bonilha e que os índios passeariam pelo trecho da estrada na boleia de um caminhão do 6°BEC, parando de vez em quando e assim eu fizemos.

Eu estava na carroceria junto com mais ou menos vinte índios, eles muitas vezes desejaram parar onde tinha um bueiro ARMCO ([38]) para gritar na boca do bueiro, desciam e gritavam na boca do bueiro para escutar o eco, eles gostavam muito escutar o eco dos seus gritos e nós tínhamos a missão do Gilberto Pinto de dizer a eles que o "*Caminzão*", a estrada era nossa, era do Exército, dos brasileiros, não era deles, mas que o restante permanecia deles, a estrada, as casas, mas eu tenho certeza de que eles não entenderam porque eles não entendiam como eu li no livro onde tem várias situações que conversaram com os índios, é impossível conversar com aqueles índios naquela época. [...]

Passeamos, voltamos e deixamos os índios na margem do Abonari, na altura da ponte, cujo posto da FUNAI ficava a uns 3 km à jusante da mesma e nós retornamos para o acampamento, isso já era parte da tática do segundo dia da visita dos índios. O Gilberto Pinto permaneceu no acampamento com esses índios e eu voltei tranquilo e o Capitão Bonilha foi embora para Boa Vista e eu fiquei tranquilo por ali.

No outro dia seis e pouco da manhã chegou na minha casa outra vez o Sargento acompanhado do índio, eu não sabia na época, mas hoje eu sei que era o Ivan sobrevivente do massacre apavorado dizendo "*mataram todo mundo*", "*mataram todo mundo*", mal conseguia falar, eu lembro que eu dei meio copo de Whisky puro pra ele, que ele pediu, para ver se ele saía do

[38] Bueiro tubular metálico. (Hiram Reis)

estado de choque, ele estava em estado de choque, ele era um índio aculturado que tinha atravessado a nado o Rio Abonari, corrido três quilômetros até à ponte e cerca de mais três até o nosso acampamento, esse foi o trajeto que ele fez, ele estava esbaforido, morto de cansaço e eu, então, comuniquei de novo à sede em Boa Vista que tinha havido um massacre.

Imediatamente o Capitão Bonilha retornou ao nosso acampamento, retiraram as duas mulheres que estavam no acampamento, uma era a minha esposa e a outra esposa do Tenente Eduardo que mesmo de férias tinha permanecido no acampamento, não ia viajar, não estava de serviço, mas tinha permanecido na sua casa na vila militar, vamos dizer assim, levaram as senhoras para Manaus no mesmo avião que o Capitão tinha vindo de Boa Vista. Decidiu o Capitão que nós devíamos fazer uma patrulha para sair lá no Posto do Abonari, e verificar o que realmente tinha acontecido.

E aí fizemos uma patrulha de 10 elementos a pé mata adentro na diagonal deste triângulo Ponte-Posto-Acampamento, então diferente do que consta do livro nós não fomos de canoa, nós fomos a pé dentro do mato, inclusive temerosos, temerosos e bem protegidos uns dos outros com cobertura porque nós entendíamos que os índios pudessem tentar nos atacar e o Capitão Bonilha, num ato de coragem, onde havia o posto da FUNAI, tinha uma clareira de mais ou menos uns 50 m de raio, e a casa ficava na beirada do rio, quando saímos da mata e ingressamos nessa parte desmatada já encontramos o primeiro funcionário da FUNAI morto, com diversas flechadas no peito e bastante machucado.

O Capitão Bonilha ordenou-me que permanecesse com meus homens no mato e que ele sozinho entraria no Posto da FUNAI e que se dentro de três minutos ele não retornasse eu deveria avançar com os homens porque

teria acontecido alguma coisa mais grave. Não chegou a três minutos e o Capitão chegou na janela da casa e fez um sinal para que nós avançássemos, quando chegamos dentro da casa encontramos outro funcionário da FUNAI morto. Logo abaixo da casa, há uns quinze ou vinte metros, quando muito, tinha o que eles chamam de casa de farinha, onde eles ralam a mandioca, e ali se encontrava o Sertanista Gilberto Pinto de bruços com duas flechadas nas costas e cujas flechas apontavam no abdômen, que não conseguiram atravessar, constatamos, então, que faltava mais um funcionário da FUNAI, fizemos algumas buscas na volta onde víamos pedaços de armas, pedaços de rádio, garrafas de Fanta, eu me lembro garrafas de Fanta no chão e não havia rastro de índio nenhum e as canoas da FUNAI que eram as motorizadas não se encontravam mais na margem do rio.

Segundo o sobrevivente, de manhã, o Gilberto Pinto desconfiou que os índios estavam tramando um ataque e tinha mandado que ele esvaziasse as canoas com uma latinha, porque tinha um pouco de água dentro das canoas para levar logo os 27 índios embora rio acima com as canoas da FUNAI, neste momento ele disse que estava com um olho nos índios e outro olho na água da canoa e quando ele estava tirando a água da canoa, olhou para os índios, e um daqueles índios puxou a flecha e distendeu o arco para atingi-lo e nesse momento ele mergulhou na água do rio atravessando-o e foi me avisar.

Ainda tinha uma flecha cravada numa árvore meio podre, caída dentro do rio. Nós decidimos transportar o corpo do Gilberto Pinto e os outros dois em padiolas [uma vara de madeira e uma rede], botamos um dos corpos numa rede e amarramos as duas pontas da rede numa vara que cada um botava no ombro para transportar o que não foi possível executar. Aí

resolvemos construir, com as canoas que tinham ficado lá dos índios e uma da FUNAI, se não me engano, balsas com as portas da casa e transportamos estes corpos para a região da Ponte do Abonari. Concluímos este transporte já de noite, então outra mentira. O Gilberto não chegou a Manaus no mesmo dia, ele só chegou a Manaus no outro dia e eu acredito que tenha sido por avião, mas não tenho certeza absoluta, eu cortei as hastes das flechas que perfuraram o corpo do Gilberto, porque elas não saem, tem fisgas que trancam no corpo e acredito que em Manaus, lá na biopsia, tenham retirado estas flechas do corpo do Gilberto. (CEL ENG ZAURI TIARAJU FERREIRA DE CASTRO)

Continuando com Porfírio:

O tempo de uma viagem entre o local onde ficava o acampamento do 6°BEC, numa canoa a motor até a sede do Posto de Atração Santo Antônio do Abonari, era por volta de uma hora e meia, isto se a pessoa que fosse pilotando a embarcação tivesse bastante prática e conhecimento da navegação naquele igarapé, que era estreito e cheio de árvores caídas no leito, dificultando a navegação. Não se sabe quanto tempo levaram as duas canoas para fazer a viagem entre a rodovia BR-174 e o Posto, nem mesmo o tempo em que levaram para recolher os corpos de Gilberto e seus companheiros. Sabe-se, entretanto, que o corpo de Gilberto chegou a Manaus por volta das 11h00 da manhã, a bordo de uma aeronave, que por coincidência encontrava-se pernoitando na pista de pouso do Km 220 da BR-174, nas proximidades do acampamento do 6°BEC.

O corpo de Gilberto, do Aeroporto, foi transladado para o necrotério do Hospital Getúlio Vargas de Manaus e lá colocado em uma urna mortuária lacrada.

Os familiares de Gilberto tentaram em vão conseguir ver o corpo, entretanto, não lhes foi permitido, sob a alegação de que estaria com sinais visíveis de violências e seria melhor que seus parentes não o vissem ([39]). O enterro que estava inicialmente marcado para as 16h00 foi antecipado por "*conselhos de amigos*" para as 15h00 daquela tarde de domingo dia 29 de dezembro de 1974.

Ivã, que foi o único funcionário da FUNAI que se encontrava no Posto Santo Antônio do Abonari, que logrou escapar com vida, explicou-me que não vira praticamente o ataque dos índios. Afirmou apenas que ao amanhecer do dia 29 de dezembro, encontrava-se do outro lado do rio Santo Antônio do Abonari, seguindo determinação de Gilberto, que o mandara passar a noite do outro lado, exatamente para observar o Posto de local onde pudesse ver o que ocorria ao seu redor ([40]).

Esta atitude era normal. Toda vez que os índios encontravam-se no Posto, Gilberto, sempre mandava alguém pernoitar fora da área do Posto (**?**). E que, ao se dirigir para a beira do igarapé para lavar o rosto e depois chamar a canoa para atravessá-lo, no meio de uma neblina intensa, comum na região naquela hora da manhã, assustou-se quando ouviu uma intensa fuzilaria

---

[39] Alegação não, fato sim. As flechas atingiram as vísceras de Gilberto e não foram tiros como ele tenta maliciosamente insinuar e responsabilizar o Exército Brasileiro. (Hiram Reis)

[40] Mais uma narrativa falsa de Porfírio. (Hiram Reis)

e muita fumaça no rumo da sede do Posto Santo Antônio do Abonari ([41]). Ouviu também muitos gritos e notou que Gilberto estava em pé na varanda da casa do Posto, gritando e gesticulado muito.

Os índios que se encontravam acampados em uma casa de palha nas proximidades da casa-sede do Posto, correndo e gritando rumo à mata, isto no meio de uma intensa fuzilaria. Ivã não esperou mais. Temendo o pior, empreendeu sua fuga em desabalada carreira dentro da selva, rumo à estrada, numa tentativa de salvar-se daquilo que estava ocorrendo no Posto de Atração Santo Antônio do Abonari.

Pelo depoimento de Ivã, ficou uma dúvida quanto, quem estaria atirando ([42]), pois os índios Waimiri-Atroari não sabiam utilizar-se de armas de fogo, nem as possuíam. Gilberto e seus companheiros por formação indigenista, dificilmente teriam atirado nos índios.

---

[41] Intensa fuzilaria: o único disparo partiu do funcionário Osvaldo de Souza Leal, que segundo o Cel Eng Zauri Tiaraju Ferreira de Castro:

No outro dia veio mais gente de Boa Vista e fizeram outra patrulha que eu não participei e encontraram um quarto morto, uma quarta pessoa morta, com um cartucho detonado, eu acredito que tenha sido o único tiro que foi dado naquela epopeia, o tiroteio que o pessoal disse que ouviu deve ter sido de um tiro de um funcionário da FUNAI que abateu um índio e esse funcionário tinha 11 flechas cravadas nas costas.

[42] O curioso é que o relatório afirma:

"*Ivan Lima Ferreira, o único sobrevivente, além de umas poucas galinhas, 02 cachorros e um filhote de caititu, jogara-se no Rio e fugira pelo mato, indo refugiar-se no acampamento de 1ª Cia E. Assim foi o final de ano no Destacamento Sul*".

Não seria estranho, para não dizer surreal, que se Ivan Lima Ferreira tivesse qualquer suspeita de que o massacre tivesse sido patrocinado pelo Exército Brasileiro ele, mesmo assim, procurasse refúgio no acampamento da 1ª CiaE? Porfírio mente, mais uma vez, descaradamente. (Hiram Reis)

E o que fazia Gilberto, em pé, na varanda do Posto, gritando e gesticulando enquanto os índios corriam para a mata? O que ocorrera naquela manhã para mudar as intenções dos índios ao ponto de voltarem-se contra os funcionários da FUNAI no Posto Santo Antônio do Abonari? A hipótese dos índios atacarem o Posto era remota, pois, eles nunca tomam nenhuma medida belicosa quando estão acompanhados de suas mulheres e filhos. E a maioria dos visitantes eram crianças, mulheres e velhos. Mesmo que a hipótese de ataque dos índios Waimiri-Atroari fosse a mais provável, eles em toda a história de ataques que realizaram, nunca deixaram os atacados reagirem. (PORFÍRIO DE CARVALHO)

Recortes - CIMI- Norte I\1977 (página 170)

(*docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=recortesjornais&pagfis=805)*

O Conselho Indigenista Missionário (CIMI) reproduz em dos seus recortes, acima citado, uma reportagem publicada no Pasquim, mostrando reconhecer o artigo como merecedor de crédito, mostrando não dar ouvidos à hipótese falaciosa de Porfírio de que o Exército Brasileiro massacrara os funcionários da FUNAI no posto do Abonari.

Pasquim, n° 422
Rio de Janeiro, RJ – 29/07 a 04.08.1977

Os Waimiri-Atroari e a Colonização dos Brancos (Parte II)
(Edilson Martin)

[...] Gilberto Pinto, apontado como o maior amigo dos Waimiri-Atroari, morreu com grandeza. Desde 1967 travava relações estreitas com eles. Chegara inclusive a visitar suas malocas. Distinção rara e naturalmente perigosa. Embora ele mesmo revelasse fatos estranhos, que talvez jamais tenhamos confirmação. Num de seus relatórios conta que no período de 1915 a 1940:

> *Os governos locais permitiram e até determinaram o ingresso em áreas indígenas para a exploração das riquezas naturais – balata. castanha, etc – o que provocou atritos entre índios e civilizados, pois estes, quando carentes de alimentos, invadiam as roças dos índios e tomavam suas colheitas.*

Lembrava Gilberto Pinto:

> *Os índios tiveram inclusive a oportunidade de presenciar a tomada do posto indígena Marauá por policiais, juntamente com a prisão do chefe do posto, que se opunha com firmeza às violências praticadas contra eles. Rompeu-se assim o contato entre civilizados e os Waimiri-Atroari.*

Conta Gilberto Pinto:

> *Surgiram, então, três foragidos da polícia — Pedro Guerreiro, Casemiro e Laurino que se aliaram aos índios e lhes ensinaram truques e maldades. em outras palavras, modos de se defender dos ataques dos civilizados, escapando das atrocidades cometidas por brancos.*

Gilberto lembrava esse episódio já que consta em relatórios do antigo SPI. Por outro lado, essa versão de foragidos da lei, junto aos Waimiri-Atroari, pode também fazer parte desse amontoado de lugares-comuns e preconceitos, criados para justificar as violências cometidas.

Gilberto Pinto foi eliminado no massacre do dia 29 de dezembro de 1974, no Posto Abonari, juntamente com mais três funcionários da FUNAI. De tudo que ouvi, quando aí estive, agora, ficou um dado claro: Gilberto morreu sabendo, recusou reagir, e poderia, uma vez que estava armado. Morreu certamente magoado, talvez tenha sido essa sua dor maior.

Ele fora a esse posto, nas margens do rio Abonari, próximo uns 2 km da BR-174, tentar acalmar os índios, já que um pouco antes outro massacre ocorrera, na mesma área. Ivan Lima Ferreira, um índio Sateré, já aculturado, que acompanhava Gilberto, foi o único sobrevivente.

O massacre ocorreu ao amanhecer do dia 29 de dezembro, e esse ano havia sido o primeiro, nos últimos dez, que Gilberto passara o Natal com a família, ele que vivia embrenhado no mato, mesmo nessas datas. Estava feliz, fora aposentado, e mesmo assim continuava na FUNAI, recebendo mais, com um cargo comissionado. Passara esse Natal com a mulher, e os nove filhos, feliz, descontraído.

Novo incidente, tudo em razão da estrada, e ei-lo novamente no território dos Waimiri-Atroari; seus velhos amigos. Pois bem, nesta manhã de 29 de dezembro, bem cedo, conforme a gente faz quando está no mato, ele foi à beira do rio Abonari, de toalha ao ombro, escova e pasta à mão.

Feita a higiene pessoal, com a bruma ainda dominando e embaraçando as águas, desce às pressas Ivan Lima, o índio Sateré, e adverte:

Seu Gilberto, os índios estão muito nervosos.

Gilberto para, olha nos seus olhos, e ordena, com firmeza:

Desça para o interior da canoa, e faça de conta que está retirando a água de dentro dela.

Dito isso iniciou a retomada do barranco, na direção da casa onde se encontravam os índios. Um vento frio dominava a barranca do rio. Muito gordo, forte como um touro, tinha na cintura seu revólver de estimação. Em dado momento ele se volta para Ivan Lima, e afirma:

Acho que o massacre vai começar.

Dito isso, continuou a andar, tranquilamente, com um ar de enfado, de ressentimento, nunca de medo.

Segundos depois Ivan Lima ouviu os primeiros gritos, marcando o início do massacre. Gilberto, tudo indica, morreu sabendo que ia morrer. Não chegou sequer a retirar a arma da cintura, ou mesmo atirar para cima, numa tentativa de afugentar os índios.

Desse massacre Comprido não participou, e sim Maruaga, o outro líder do grupo. Entretanto Bornau, filho de Comprido, teria estado presente. O que pensou Gilberto, nesses últimos minutos de sua vida, ninguém absolutamente pode imaginar. Mas ficou o seu gesto, seu olhar de enfado, seu desencanto, sua tentativa de salvar o índio Sateré do massacre, o que conseguiu, e sua lealdade de ir ao encontro dos três outros companheiros no interior da casa, já marcados para morrer.

Gilberto, meu Deus, morreu sabendo, sem pânico, enfadado, mas tranquilo, certamente inspirado na lição dos índios que ele tão bem soube amar. Ao fugir através da canoa indicada por Gilberto, Ivan deixou atrás de si os gritos de desespero que marcam um massacre. (PASQUIM, N° 422)

Jornal do Brasil, n° 265
Rio de Janeiro, RJ – 30.12.1974

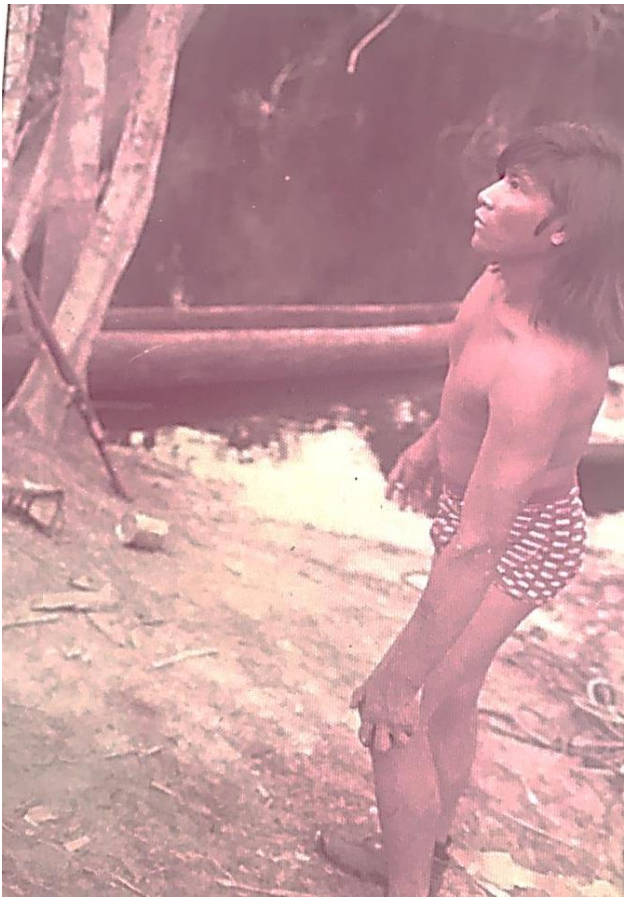
Atroaris Matam na Amazônia Três Integrantes da FUNAI que Tentavam Pacificá-los

Um sertanista e dois funcionários da Fundação Nacional do Índio [FUNAI] foram mortos ontem no Posto de Atração Abonarí II, no Amazonas, por índios pertencentes à tribo dos Atroari, segundo informou Afonso Ligório, do Serviço de Relações Públicas daquele órgão no Rio. O mesmo funcionário adiantou que um servidor está desaparecido e que outro, pertencente ao grupo, conseguiu sobreviver ao massacre. Os mortos, segundo informações de Ligório, foram Gilberto Pinto Figueiredo, sertanista, João Bosco Aguiar e João Alves Monteiro. Está desaparecido Osvaldo de Souza Leal.

CORPOS RESGATADOS

O massacre ocorreu na parte do dia, mas a informação à respeito do fato só foi conhecida à noite, pela Presidência da FUNAI, que por intermédio da Delegacia Regional de Manaus procura obter maiores esclarecimentos sobre o ocorrido.

O funcionário que escapou de morrer nas mãos dos índios, foi Ivan Lima Ferreira. Ele e os outros quatro faziam parte do grupo empenhado na pacificação dos Atroari na área onde se deu o massacre. Os corpos das três vitimas já foram resgatados e transportados para Manaus Buscas continuam no sentido de se localizar Osvaldo de Souza Leal. O sertanista Gilberto Pinto, sexta- feira última havia retornado ao Posto de Atração Abonarí II para reiniciar seu trabalho de pacificação dos índios. (JORNAL DO BRASIL, N° 265)



Ivan Lima Ferreira

Gilberto Pinto

Servidor da FUNAI

Servidor da FUNAI

Raimundo Pereira da Silva
Um Farsante

As contradições em torno das declarações do ex-funcionário Raimundo Pereira da Silva, do 6° Batalhão de Engenharia de Construção, são enormes e só a tal da "*Comissão da '**In**'Verdade*" é capaz de qualificá-lo como testemunha idônea. Raimundo foi admitido no dia 03.05.1974 e pediu demissão em 30.05.1974.

MPF Ministério Público Federal | Procuradoria da República no Amazonas

ANEXO 2

Relatório da Comissão Nacional da Verdade

Raimundo Pereira da Silva, ex-mateiro da FUNAI que trabalhou na abertura da BR-174, testemunhou a atuação do Batalhão de Infantaria na Selva [BIS] e informa como o desaparecimento de muitos índios se relacionava diretamente com a atuação do batalhão:

> Eu fiquei impressionado porque, antes do Exército entrar, a gente viu muito índio, muito índio. E eles saíam no barraco da gente, muito, muito, muito [...]. Depois que o BIS entrou, nós não vimos mais índios [...]. Antes cansou de chegar 300, 400 índios no barraco da gente. ([43])

[43] SCHWADE, Egydio; SCHWADE, Tiago Maiká Müller (Orgs.). *Entrevista* com Raimundo Pereira da Silva sobre a construção da BR-174. 11.10.2012. (Hiram Reis)

ANEXO 3

Relatório do Comitê Estadual da Verdade do Amazonas

Estatística da FUNAI de 1972 refere que "*na periferia do posto de atração do Alalaú, à margem direita do Rio Alalaú, moravam 300 indígenas. Além das aldeias dos capitães Nenen, Juani, Elza e Comprido".*

Informação confirmada por Raimundo Pereira da Silva, que trabalhou como mateiro na abertura da picada da rodovia, no grupo que seguia no sentido de Roraima, entre 1972 e 1977 ([44]):

> **Raimundo Pereira da Silva** – Agora eu fiquei impressionado porque antes do Exército entrar, a gente via muito índio, muito índio.
>
> **Tiago Maiká Müller Schwade** – é mesmo?
>
> **Raimundo Pereira da Silva** – É, eles saiam no barraco da gente, muito, muito, muito. Eu tinha um bocado de coroa de ouro, eu. Eles eram doidos pra me levar pra lá, eles falavam: "*maroca, maroca,*

[44] Funcionário Raimundo Pereira da Silva que serviu no 6° BEC, na época da abertura da estrada:
CPF 027 876 012-00;
Identidade: 11298/RR;
Filiação: Florência Pereira da Silva;
Nascimento: 25.05.1951, Vitória, Maranhão;
Foi admitido em: 03.05.1974;
Demissão a pedido: 30.05.1974.
Trabalhou 27 dias apenas e não era mais funcionário do 6° BEC em 1975. (Hiram Reis)

maroca, vamo embora, maroca, maroca". Eu dizia "*não, Manaus, Manaus, Manaus*". Eles: "*não, maroca, maroca*", pra me levar pra lá. Todos os dias esses vinham com aquela conversa.

Egydio Schwade – E quase todos os dias eles te encontravam?

Raimundo Pereira da Silva – Todo dia. [...]

Raimundo Pereira da Silva – Depois que o BIS [Batalhão de Infantaria na Selva] entrou, nós não vimos mais índios.

Egydio Schwade – Mas antes disso?

Raimundo Pereira da Silva – Antes cansou de chegar 300 – 400 índios no barraco da gente. É... Levavam tudo que a gente tinha. A gente tinha medo, sabe e esses índios aí não pediam, não tomava. Era troca, troca, troca. Davam uma flecha, qualquer coisa deles.

Na mesma entrevista, o trabalhador ainda revela que, em 1976 ([56]), quando já haviam realizado a travessia do rio Alalaú, o Exército encontrou um grupo de indígenas:

Raimundo Pereira da Silva – Eles acharam um grupo de índios, duns... uns 30 índios, o BIS. Aí trouxe pra cá, chegou, eles deram 600 tiros aberando os índios.

Egydio Schwade – Perto deles?

Raimundo Pereira da Silva – É, perto deles. Índio ficava com medo, medo. E eles empurravam eles na boca do pau, pra subir na caçamba. "*Sobe na caçamba!*", empurravam na boca do pau. Rapaz índio ficavam assim ó, se tremendo.

PEDIDO DE DEMISSÃO COM DISPENSA DE AVISO PRÉVIO

Ilmo. Sr.
CMT DO 8.º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO

Desejando, por minha livre e espontânea vontade, desligar-me do serviço desta empresa, venho apresentar a V. Sta., em caráter definitivo e irrevogável, o meu pedido de demissão do emprego que ocupo desde a data de

Sendo de meu interesse retirar-me do serviço sem demora, agradeceria se V. Sta. me concedesse dispensa de qualquer formalidades, especialmente do aviso prévio legal de que trata o Art 487 da Consolidação das Leis Trabalhistas.

Na expectativa de ser atendido, firmo-me

Boa Vista, RR, 30 de maio de 197 4.-

Raimundo Pereira da Silva
(Assinatura do Empregado)
Raimundo Pereira da Silva.

De acordo Em 30 Mai 74.

Pelo 8.º B E Cnst
Carlos Rodolfo Bopp - 1º Ten
Cmt Cia Eq Eng.-

1ª via - Subcmt (SPC)
2ª via - Empregado

MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
CMR 7ºGPT E
8º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO
(1ª Cia Eng E Cmb 1967)
BATALHÃO SIMÃO BOLIVAR
AUTENTICAÇÃO
CONFERE COM A ORIGINAL
Boa Vista-RR, 15/02/22
Santos

PROVIDENCIADO
Em 15/06/1974

PUBLICADO
Em 17/06/1974
BOLETIM ADM Nº 23/PC

Imagem 02 – Pedido de Demissão de Raimundo P. da Silva

FICHA REGISTRO DE EMPREGADOS N. 1954

Firma: 6.º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO - Atividade: Construção civil

End: Av. Cap. Ene Garces, s/n — Cidade Boa Vista Estado: Ter. Fed. de Roraima

Nome: RAIMUNDO PEREIRA DA SILVA

Salário: Cr$ 518,00 Forma de Pagamento Mensal

Carteira Profissional: Nº 98497 Est. Emissor: PA Série: 193ª

Certificado de Reservista Nº 550489 Cat 1ª Série A

Carteira de Identidade: Nº 11.298 Estado Emissor: RR

Título Eleitoral Zona 21ª Seção 27ª Nº 9.616

CPF N.º 027876012 00 PASEP PIS

Carteira de Motorista N.º 3.394 Frontuário Nº 3.394 Orgão Emissor D.Trans

Carteira Sanitária Nº Orgão Emissor: Data Ultima Inspeção:

Data de Admissão: 03/maio/74 Função: Motorista

Horário Normal de Trabalho: das 07:00 às 18:00 hs com intervalo de 02 hs, das 12:00 às 14:00 hs, para refeição e descanso.

Estado Civil: Casado Sexo Masculino Côr: Tipo Sanguíneo: A+

Filho de: Florencia Pereira da Silva e

Data do Nascimento: 25/05/51 Cidade: Vitória Estado: Maranhão

Tem algum Certificado Profissional?: de que natureza:

Sabe ler e escrever? Sim grau de instrução: 2ª série primaria

Residência atual: Rua General Penha Brasil 1916

Em caso de Acidente avisar: Aldeira aguiar da costa

Endereço: O mesmo

Sindicato a que está filiado:

04	05	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23

QUANDO ESTRANGEIRO - a) Tem filhos brasileiros?

b) É casado com brasileira?

c) Data em que chegou ao Brasil:

d) Carteira de estrangeiro n.º

Estado Emissor:

e) Naturalizado em:

MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
CMA 2º DPT E
6º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO
(1º Cia Eng E Const 1967)
BATALHÃO DE ... SOLVAR
AUTENTICAÇÃO
CONFERE COM A ORIGINAL
Boa Vista 10 ... 1974

Declaro serem verdadeiras as informações acima prestadas, podendo ser usadas como expressão da verdade, quando exigidas por lei

Boa Vista, RR. 03 de Maio de 1974

Raimundo Pereira da Silva
ASSINATURA DO EMPREGADO

Data em que o empregado deixou o serviço desta firma: 30 / 05 / 74

Motivo: A Pedido

Tempo de Serviço: 27 dias

NOME DOS BENEFICIÁRIOS	Data do Nascimento	Grau de Parentesco

Imagem 03 – Ficha Registro de Raimundo P. da Silva

Imagem 04 – Raimundo Pereira da Silva

Egydio Schwade – Depois dos tiros?

Raimundo Pereira da Silva – Depois dos tiros. Aí botavam na caçamba e iam deixar lá na estrada. Agora lá nós não íamos, os civis não iam. Só o Exército. Nós não sabe se eles matavam eles lá ou soltavam. Civil nenhum sabe.

ANEXO 13

Relatório do Comitê Estadual da Verdade do Amazonas

MPF Ministério Público Federal | Procuradoria da República no Amazonas

INQUÉRITO CIVIL PÚBLICO
N° 1.13.000.001356/2012-07

Objeto: "*Apurar a responsabilidade do Estado brasileiro pelas violações dos direitos do povo indígena Waimiri-Atroari durante a construção da Rodovia BR-174*"

TERMO DE DEPOIMENTO
RAIMUNDO PEREIRA DA SILVA

No dia 02.06.2014, às 10h00, na Casa de Cultura Urubuí, [...] compareceu RAIMUNDO PEREIRA DA SILVA, [...] que prestou as seguintes declarações: [...]

Havia muitos índios. Apareciam mais de cem. Fui até o final da picada, passei pela área indígena inteira. Sempre encontrei com muitos índios. A maior parte dos índios estavam da área que vai do Abonarí até 20 quilômetros depois do Alalaú. Acho que havia uns 10 mil índios (**???**), em 28 malocas, pelo que o BEC falou.

Vi apenas duas malocas. Uma no km 25, depois do Alalaú, e a outra no km 28. O barracão ficava perto, uns cinquenta metros. Creio que havia de quinhentos a seiscentos índios em uma maloca (**???**). O André me disse uma vez que tinha seiscentos índios (**???**). Eles me convidavam para entrar na maloca. Comia anta, com o próprio couro. Eu me reunia com eles. [...]

Lembro bem da morte do Gilberto Figueiredo. Foi em 29.12.1975 ([45]). Estávamos no acampamento do 6° BEC no Abonarí. Estávamos nos aprontando para entrar na região do Alalaú. A estrada na região do Alalaú ainda não estava pronta.

No dia anterior, vi o Gilberto. Estava com os índios. O Capitão Bonilha mandou deixá-los no Abonarí. Nós acompanhamos o Gilberto até a canoa, ele estava com os índios, daí ele foi para o posto. Os índios dormiram no posto da FUNAI, que ficava a 6 km dali.

[45] Demissão a pedido: 30.05.1974. (Hiram Reis)

> No dia seguinte, o Capitão Bonilha pegou o avião pra Manaus e viu, do alto, o Gilberto morto, daí voltou. [...]
>
> Depois desse fato, voltamos ao acampamento no km 30. Ficamos lá uns 10, 15 dias. Um dia vi passando 43 carros do BIS, cheios de soldados [jipes, carros fechados, camuflados]. Eu lembro que eram 43, porque contei.
>
> Passaram dois aviões do BIS. Antes não havia avião do Exército. O avião passou por lá seis dias. O Exército dizia que o BIS ia fazer uma manobra para conhecer a região, poder entrar para trabalhar. Os carros voltaram depois de seis dias. [...]
>
> Depois da morte do Gilberto, os únicos índios que vi eram uns 20 que foram empurrados por soldados do BIS para o caminhão. Eles iam ser levados para o acampamento. Os índios tremiam. Ao chegarem ao acampamento, deram 600 tiros para assustar os índios. Os índios saíram correndo. Nunca mais vi índios. [...]
>
> Não vi carro ou caminhão levando índios mortos em grande quantidade. Só sei dos casos em que íamos resgatar, e nesses casos levávamos até o avião.

As contradições numéricas quanto a estimativa populacional do Waimiri-Atroari são evidentes. Embora a FUNAI defenda que eram 3.000 segundo um alegado sobrevoo do Padre Calleri sobre a reserva, em 1968. Nenhum recenseador sério consideraria esses números corretos. Realizei dois sobrevoos na região, em 1982, acompanhado do Padre Giuseppe Craveiro, na época, Coordenador do Núcleo de Apoio Waimiri-Atroari, que

me apontou algumas aldeias abandonadas e que lá de cima poderia se imaginar habitadas.

Com a escassez de caça os WA migravam para outra Aldeia e às vezes retornavam aquela de origem. Não raras vezes a Aldeia tinha ser queimada em virtude da invasão de roedores e insetos ou mesmo em decorrência de surtos de sarampo ou gripe.

Numa de minhas visitas às aldeias WA encontrei um senhor idoso conhecido como Capitão Tomáz. Comentei a respeito das doenças que minavam a saúde de seu povo e de nossa intenção de vaciná-los já que o atendimento da FUNAI se resumia em evacuá-los para Manaus.

Tomáz emocionado me confidenciou que o costume do WA de adotar crianças capturadas durante os ataques e o contato furtivo com brancos que os assediavam, sem autorização da FUNAI, para presenteá-los com diversos artefatos, e roupas usadas, tinha trazido uma terrível maldição para os WA.

Muitos idosos e crianças morreram depois de sua chegada. Sem saber os WA trouxeram para suas Aldeias uma bomba bacteriológica implacável.

Pasquins Falaciosos

Entrevista em 1983

Revista Manchete, n° 1.657
Rio de Janeiro, RJ – Sábado, 21.01.1984

Há Doze Anos, Eles Eram 3 mil. Hoje, Restam uns 400, Espalhados Pelas Aldeias

Mas em todos os postos da FUNAI também existe um quadro com a fotografia do Presidente da República, a quem os índios já aprenderam a identificar como "*Papai Grande João*". E o ronco do caminhão solitário rompendo as últimas horas da madrugada é um indício incontestável de uma realidade mais pacífica. O dia amanhece enevoado.

Da guarita sobre uma torre de madeira, no Núcleo de Apoio Waimiri-Atroari [NAWA], da FUNAI, no quilômetro 255, a visibilidade é quase nenhuma. Uma bruma esbranquiçada encobre a estrada e a mata, dando-lhes uma dimensão quase mágica. Um espetáculo bonito, mas que reflete lembranças aterradoras. O dia 29.12.1974 amanhecera com essa mesma névoa, que se estendia sobre as águas do Santo Antônio do Abonari, quando o sertanista Gilberto Pinto e três servidores da FUNAI foram mortos a flechadas no posto de atração construído na margem direita do Rio. Era o quarto massacre naquele ano dos arredios Waimiri-Atroari contra os brancos que insistiam em amansá-los.

O ataque indígena, divulgado na imprensa nacional e internacional, acentuava o seu estigma de índios selvagens e assassinos. O New York Times publicou uma reportagem abordando o comportamento espantoso daquele povo

primitivo que se rebelava contra seus pacificadores e aterrorizava peões e soldados do 6° BEC do Exército Brasileiro, que construíam a rodovia invasora cortando o habitat dos ferozes e imprevisíveis Waimiri-Atroari. Era uma barra. Após o ataque ao Posto de Atração no Rio Alalaú em outubro de 1974, comandantes militares e antigos dirigentes regionais da FUNAI da Amazônia se reuniram no acampamento do 6° BEC, no Km 220, e baixaram algumas normas de segurança para garantir a continuidade dos trabalhos de implantação da estrada.

Caso houvesse visitas dos índios, por exemplo, deveriam ser realizadas "*pequenas demonstrações de força*", mostrando os efeitos de uma rajada de metralhadora, de granadas defensivas e da destruição pelo uso de dinamite. A reunião foi em novembro. Um mês depois, o experiente e respeitado Papai Gilberto, sertanista antigo por quem os WA tinham amizade e carinho, estava morto – vítima do massacre no Abonari. Foi a última vez que os índios atacaram.

A rodovia Manaus-Caracaraí-Boa Vista, que ligaria o Brasil à Venezuela, era inaugurada a 06.04.1977. No início do trecho que corta a área indígena há um monumento, uma pedra enorme com duas placas. Lá estão gravados os nomes dos 24 homens e das duas mulheres [da expedição Padre Calleri – 1968]. Uma homenagem aos que perderam a vida pacificando os índios rebeldes. [...] O jovem Capitão, do 6° BEC, Hiram Reis e Silva, acredita que os tempos mudaram:

> Hoje existe uma integração muito grande entre os Waimiri-Atroari, o Exército e a FUNAI. Voltar ao passado para consertar as coisas é impossível. Houve erros imperdoáveis, houve excessos, houve matança ([46]).
>
> Importa o que se pode fazer agora: dar assistência médica, apoio humano e tratar com respeito os índios.

---

[46] Referia-me às atrocidades perpetradas, tantos pelos WA e "*civilizados*", no longínquo pretérito, como os recentes massacres protagonizados pelos WA desde a década de 40 até o dia 29.12.1974. (Hiram Reis)

Entrevista em 27.02.2019

Art. 339. Dar causa à instauração de investigação policial, de processo judicial, instauração de investigação administrativa, inquérito civil ou ação de improbidade administrativa contra alguém, imputando-lhe crime de que o sabe inocente. (Código Penal alterado pela Lei n° 10.028, de 2000)

No dia 27 do mês de fevereiro de 2019, após o encerramento da Ação Civil Pública n° 1001605-06.2017.4.01.3200, em que foram ouvidos os informantes Waimiri-Atroari toda aquela ridícula pantomina foi encerrada na hora aprazada – 16h00, apesar dos protestos dos advogados do Ministério Público Federal que se comportaram, durante todo o evento, mais como ativistas políticos do que defensores da justiça.

Ao sair da maloca, fui abordado por um jornalista, que citando meu posto e nome completo, indagou se eu estaria disposto a conceder-lhe uma entrevista. Acho que ele havia percebido que eu conhecia os líderes Waimiri-Atroari e desfrutava de sua amizade.

Sem vacilar respondi que sim, e perante a câmera me identifiquei, e disse o quanto me magoava estar assistindo aquele "*Teatro de Horrores*" engendrado pela "*Comissão da 'In'Verdade*" e seus acólitos com o fim precípuo de acusar o Exército Brasileiro de ser um dos patrocinadores do processo de extermínio do "*Kiña*".

Sabia que, mais uma vez, a imprensa não levaria minha opinião às telas na sua totalidade tendo em vista que minhas declarações não estavam em sintonia com a do repórter que me entrevistava.

Entrevista ao SBT, 27.02.2019

A reportagem durou 02 minutos e 10 segundos em que o Exército e a União foram covardemente atacados e a minha entrevista, em defesa da instituição, depois dos devidos cortes, durou apenas 07 segundos, mostrando cabalmente a pretensa "*isenção*" da facciosa e famigerada mídia nacional.

***Link SBT**: https://youtu.be/2WbhmpFCHS0*

Lembrei-me de um fato semelhante, no final de agosto de 2018, quando um repórter da Rede Amazônica, por ocasião dos preparativos de minha descida do Rio Tacutu, de Bonfim (RR) a Boa Vista (RR), antes de encerrar a entrevista resolveu, totalmente fora do contexto, me perguntar em quem iria votar e eu lhe respondi, sem excitar, que ia votar nos meus amigos, referindo-me ao meu colega de turma do Colégio Militar de Porto Alegre e Academia Militar das Agulhas Negras – General Mourão e no Presidente Bolsonaro.

O repórter, desconcertado, disse que não era essa a resposta que ele esperava, ao que eu lhe respondi que:

– Essa era minha resposta.

Logicamente a entrevista foi censurada pelos "*democratas de plantão*" e não foi ao ar no dia seguinte.

Associated Press, 09.03.2019

Em audiência, tribo acusa Exército de cometer atrocidades para abrir estrada na Amazônia

Procuradores Federais Dizem que Centenas de Integrantes da Tribo Waimiri-Atroari Morreram Durante a Construção da BR-174, entre 1968 e 1977

(Maurício Savarese)

> [...] Ao explicar sua própria violência na época, os Waimiri-Atroari repetem que estavam defendendo seu território. [...] Enquanto membros da tribo concordavam com Bornaldo durante seu depoimento, seis militares de uniforme ouviam em silêncio. O Cel Ref Hiram Reis e Silva, vestindo uma camiseta branca ([47]) e jeans" ([48]), balançava a cabeça negativamente enquanto os indígenas falavam.

[47] Camiseta Branca: Camisa de manga comprida bege como se pode comprovar na própria reportagem exibida pelo SBT (Vide imagem na página anterior). (Hiram Reis)

Reis e Silva, que disse ter trabalhado perto da reserva ([49]) depois de 1982 ([50]), afirmou que estava na audiência como representante do CMA. "*Minha versão da história é muito diferente*", disse. "*Existem alguns exageros. ([51]) Esperamos que a verdade seja reestabelecida*". "*Eu tenho várias testemunhas que são pioneiras da estrada e vão contraditar ([52]) tudo que os membros da tribo dizem*", afirmou Reis e Silva, embora não tenha fornecido contatos dessas pessoas quando pedido. ([53]) (*ASSOCIATED PRESS, 09.03.2019)*

---

[48] Calça sarja bege, o repórter tenta mostrar que eu não estava devidamente vestido para o evento. Os advogado MPF é que estavam de camiseta! (Hiram Reis)

[49] Perto da Reserva: na reserva, minha área de atuação, na BR-174, se estendia desde Manaus (AM) até o Rio Jauaperí (RR). (Hiram Reis)

[50] Depois de 1982: de 1982 a 1983. (Hiram Reis)

[51] Na verdade afirmei: "*Eu acho que existem alguns exageros e fantasias a respeito. O Exército Brasileiro tem uma tradição desde Rondon que não é esta que está sendo apontada*" [...] (Hiram Reis)

[52] Contraditar: rebater. (Hiram Reis)

[53] O repórter não me fez uma única pergunta, mentindo ao afirmar que me neguei a fornecer o nome das testemunhas. (Hiram Reis)

Bibliografia

ASSOCIATED PRESS, 09.03.2019. ***Em audiência, tribo acusa Exército de cometer atrocidades para abrir estrada na Amazônia*** *– EUA – Nova York – Associated Press, 09.03.2019.*

DIÁRIO DA NOITE, N° 14.480. ***Preso Nega Ser O Causador Da Fúria Dos Índios "Waimiri"*** *– Brasil – São Paulo, SP – Diário da Noite, n° 14.480, 06.02.1973.*

JORNAL DO BRASIL, N° 265. Atroaris Matam na ***Amazônia Três Integrantes da FUNAI que Tentavam Pacificá-los*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 265, 30.12.1974.*

JORNAL DO COMÉRCIO, N° 21.205. ***Ministério do Exército, Comando Militar da Amazônia, 2° Grupamento de Engenharia de Construção – Nota Oficial*** *– Brasil – Manaus, AM – Jornal do Comércio, n° 21.205, 15.02.1973.*

PASQUIM, N° 422. ***Os Waimiri-Atroari e a Colonização dos Brancos (Parte II) – (Edilson Martin)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Pasquim, n° 422, 29/07 a 04.08.1977.*

PORFÍRIO DE CARVALHO. ***Waimiri-Atroari A História que Ainda não foi Contada*** *– Brasil – Brasília, DF – Editado pelo autor, 1982.*

REVISTA MANCHETE, N° 1.657. ***Há Doze Anos, Eles Eram 3 mil. Hoje, Restam uns 400, Espalhados Pelas Aldeias*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Manchete, n° 1.657, 21.01.1984.*